



A imprensa sul-rio-grandense sob um prisma historiográfico:

*mudanças de enfoque metodológico e
permanências da perspectiva tradicional*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**A imprensa sul-rio-
grandense sob um prisma
historiográfico: mudanças de
enfoque metodológico e
permanências da perspectiva
tradicional**





CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A imprensa sul-rio-grandense sob um prisma historiográfico: mudanças de enfoque metodológico e permanências da perspectiva tradicional



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2021

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: A imprensa sul-rio-grandense sob um prisma historiográfico: mudanças de enfoque metodológico e permanências da perspectiva tradicional
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 42
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2021

ISBN – 978-65-89557-08-1

CAPA: A representação do Zé-Povinho lendo um jornal na concepção do caricato porto-alegrense *O Século*, a. 5, n. 191, 31 ago. 1884, p. 4.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.

O historiador da imprensa deve tentar conciliar o estudo individualizado de cada título com a apresentação do mundo da imprensa em seu conjunto. Mais que outros, ele se defronta com a dificuldade de descrever ao mesmo tempo a floresta e suas árvores.

Albert & Terrou. *História da imprensa.*

SUMÁRIO

Imprensa gaúcha: breve incursão historiográfica..13

Mudanças de enfoque metodológico e permanências da perspectiva tradicional.....25

Imprensa gaúcha: breve incursão historiográfica

Com antecedentes múltiplos e uma afirmação ao final do século XVIII, a imprensa periódica se consolidou ao longo dos Oitocentos, tornando-se o mais fundamental meio de difusão/divulgação de informações e opiniões e sendo praticada em larga escala nas grandes metrópoles, mas não deixando de também aparecer nos mais recônditos rincões do mundo. Os jornais de gêneros, estilos, nortes editoriais, periodicidades e formatos os mais variados marcaram suas presenças nas localidades onde circularam, aparecendo tanto como reflexos das sociedades, quanto como influenciadores de comportamentos, hábitos e costumes nas comunidades com as quais conviviam.

Esse processo também se desencadeou no contexto brasileiro, em suas várias unidades político-administrativas provinciais/estaduais. Nesse quadro, a mais meridional das porções do Brasil, o Rio Grande do Sul, igualmente viu nascer e florescer um periodismo, inicialmente acanhado, mas que ganharia relevância com o transcorrer do tempo. A gênese da imprensa gaúcha deu-se ainda ao final dos anos 1820 e sua evolução esteve intrinsecamente ligada ao processo de fermentação, eclosão e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. Posteriormente, por volta da segunda metade do século XIX, o jornalismo gaúcho passaria por uma etapa de crescimento e diversificação, proliferando as publicações periódicas pelas cidades e vilas da província. A transição para os tempos republicanos

traria efeitos para as lides jornalísticas, mormente a partir das leis coercitivas, aliviadas apenas a partir da consolidação da nova forma de governo. As iniciativas periodísticas locais prosperaram e predominaram por todo o século XIX e primórdios do século seguinte, quando se estabeleceu o germen da mudança, o qual redundaria, principalmente a partir da década de 1930, na concentração das atividades jornalísticas e na afirmação dos jornais organizados em moldes empresariais. Desde então e em um processo crescente em direção à virada do milênio, a imprensa escrita viria a dividir espaço com outros meios de comunicação, como o rádio, o cinema, a televisão e, mais contemporaneamente, a mídia vinculada à internet, precisando passar por práticas constantes de renovação e adaptação a esses novos tempos e abruptas mudanças tecnológicas.

Essa evolução da imprensa sul-rio-grandense não deixaria de ser observada por estudiosos, que descreveram/analisaram o periodismo gaúcho a partir de variados prismas, abordagens e enfoques. A maior parte dos trabalhos entabulados para abordar a imprensa rio-grandense esteve vinculada a uma tendência predominantemente descritiva, com a intenção de elaborar notas, levantamentos, estatísticas e catálogos acerca dos jornais, com níveis em geral restritos de interpretação histórica¹. Só mais recentemente ocorreria uma alteração desse quadro, com pesquisas acerca da história geral do jornalismo gaúcho, envolvendo algumas renovações no campo

¹ Ver o número 41 da Coleção Rio-Grandense.

metodológico, o que não significou a extinção daquele modelo tradicional.

Ainda que essas investigações não sejam tão numerosas, levando em conta a magnitude do significado da imprensa em meio à sociedade rio-grandense-do-sul, tais trabalhos não deixam de compor uma historiografia a respeito do jornalismo gaúcho. O conhecimento historiográfico se integra a um processo epistemológico, vindo a espelhar a produção intelectual de um certo momento do passado. Nesse sentido, ele constitui um fragmento para a compreensão do próprio passado, vindo a passar vestígios de um determinado acontecer para quem o analise².

O termo historiografia tem sido comumente empregado no sentido de história escrita, a partir da percepção das realizações humanas, independentes do campo em que se manifestam, integradas às conjunturas histórico-sociais concretas, mas a historiografia também pode ser observada como um produto da sociedade. Assim, ela está integrada em um momento histórico, sendo o resultado do trabalho individual ou de um grupo de intelectuais³. A análise historiográfica deve levar em contas vicissitudes da dinâmica econômica, política, social e cultural, uma vez que, todos esses aspectos de alguma maneira condicionam a atuação do

² ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Trajetórias da historiografia*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 11.

³ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992. p. 9.

historiador e, consequentemente, a produção do conhecimento histórico⁴.

A abordagem historiográfica busca a compreensão da história através das obras históricas, das visões ou teorias que as orientaram ou circunstanciaram, bem como o estudo das forças de percepção, ou seja, das perspectivas ou ideologias que subjazem às obras, no interior das quais ganham realce o significado dos temas e problemáticas selecionadas⁵. A historiografia atribui valor ao conhecimento histórico *per se* e, assim, a soma global dos trabalhos historiográficos abarca, sem discriminação, todo conhecimento possível sobre o passado. No entanto, cada trabalho historiográfico particular distingue conhecimento relevante do irrelevante, importante do sem importância, em *cada aspecto* a partir de suas *particulares* visões de mundo, bem como de seus conjuntos de valores⁶.

No âmbito da historiografia sul-rio-grandense, há uma carência no que tange aos estudos acerca da imprensa, refletindo um processo que se desencadeou também no caso brasileiro e, de certo modo, até mesmo em nível mundial. Nesse quadro, ao invés de serem integrados a outros trabalhos, os estudos dedicados à história da imprensa aparecem isolados e mantidos

⁴ FICO, Carlos & POLITICO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989) – elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992. p. 18-19.

⁵ ARRUDA, José Jobson & TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 12.

⁶ HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. p. 130.

artificialmente estanques em relação ao resto da literatura histórica. Desse modo, teoricamente, tais estudos seriam centrados em um tópico que repercute em muitos outros campos, entretanto, na realidade, eles raramente são consultados por estudiosos que operam em quaisquer outras áreas⁷.

Nesse quadro, desde o trabalho original, na década de 1880, passando pelas diversas pesquisas realizadas na virada do século e chegando até meados dos Novecentos, é acanhado o número de investigações que visassem a elucidar a evolução do jornalismo gaúcho, as quais, no seu conjunto, mantiveram características descritivas. Algumas modificações se dariam a partir da segunda metade do século XX, com uma renovação do olhar sobre o jornalismo que se estenderia até a centúria seguinte, sem que deixassem de vir ao público trabalhos fortemente vinculados à tradição historiográfica até então predominante. Ainda assim, continuaram pouco numerosas as pesquisas sobre a história geral da imprensa rio-grandense, promovidas desde a década de 1950 até a contemporaneidade. O escopo deste livro é o de abordar essa fase da historiografia da imprensa gaúcha.

As mudanças dos enfoques historiográficos originam-se nos diferentes conceitos adotados conforme a teoria em voga, de modo que cada geração, refletindo os acontecimentos da humanidade, refaz a história, interpretando conceitos e acontecimentos que já foram

⁷ EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

tratados pela geração anterior⁸. Em tal contexto, surgiram novos trabalhos sobre o jornalismo rio-grandense, nos quais eram encontradas certas orientações teóricas ou metodológicas fundamentadas nas ciências sociais. Ainda assim, não chegava a constituir um volume expressivo de produções capaz de efetivamente alterar a tendência predominante⁹.

Alguns elementos constitutivos dessa renovação metodológica são ainda bastante reduzidos, mas abrem caminho para um repensar mais amplo acerca do periodismo sul-rio-grandense, com um enraizamento maior das transformações teórico-metodológicas. Um fator relevante para tal processo foi a presença de profissionais mais vinculados à ciência histórica, embora nem todos com a respectiva formação acadêmica. Nesse sentido, o profissionalismo intervém para regular seu intercâmbio consigo mesmo, vindo a definir critérios de comprovação e exposição, como a nota de rodapé completa, a bibliografia honesta, a citação exata. Assim o historiador vem a trazer as fontes, o raciocínio e as conclusões à luz brilhante do exame público, prestando-se a discriminar entre o que ele deve a terceiros e o que constitui uma contribuição própria sua¹⁰.

Um condicionante essencial que distingue a abordagem tradicional da renovada é a inter-relação dos periódicos com o ambiente em que circulavam. Nesse

⁸ FLORES, Moacyr. *Historiografia: estudos*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. p. 7.

⁹ MELO, José Marques de. *História social da imprensa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 21-22.

¹⁰ GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 188.

quadro, intenções imediatas, estratégias e táticas dos comunicadores precisam estar sempre relacionadas ao contexto nos quais operam, assim com as mensagens que transmitem¹¹. Tais interações entre jornalismo e contexto histórico passam a ser uma constante nas versões renovadoras, ao passo que o enfoque tradicional, na maior parte das vezes, abordava os jornais a partir de uma espécie de autonomia em relação ao seu meio, ou seja, como objetos estanques em relação ao todo social.

A historiografia da imprensa do Rio Grande do Sul apresenta-se, desde os seus primórdios, ao final do século XIX, em um constante processo de construção, como o reconhecem os próprios historiadores do jornalismo rio-grandense. Nesse sentido, vários dos escritores que atuaram em torno da temática nas últimas décadas ressaltam as lacunas ainda existentes no que tange aos estudos acerca do jornalismo gaúcho. Nessa linha, Lourival Vianna, citando as palavras de Carlos Reverbel – que, por sua vez, lembra as de Aurélio Porto –, considera, que ainda não existia um trabalho definitivo sobre a imprensa gaúcha. Dessa forma, passado mais de um século desde os trabalhos pioneiros, a história da imprensa sul-rio-grandense ainda está vivendo mais uma das etapas de seu processo de edificação.

Na sua ampla maioria, a reconstrução histórica da imprensa gaúcha desenvolveu-se de acordo com os pressupostos de um discurso historiográfico que dominou por décadas a fio o contexto gaúcho, acompanhando uma tendência que marcou a produção

¹¹ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 17.

histórico-intelectual rio-grandense-do-sul como um todo. Surgiu, dessa maneira, uma série de trabalhos embasados em uma abordagem descritiva, promovidos por escritores das mais variadas profissões que, mesmo assim, na maior parte dos casos, entabularam esmeradas pesquisas, proporcionando copiosos dados para os futuros trabalhos sobre o jornalismo e prestando significativa colaboração para a reedificação da história da imprensa no Rio Grande do Sul.

Nesses trabalhos, o espaço destinado ao inter-relacionamento entre a conjuntura histórica e o desenvolvimento da imprensa foi em geral restrito. Vários dos escritos sobre o jornalismo gaúcho, apresentados na forma de catálogos, listagens estatísticas, arrolamentos ou levantamentos descritivos, não tinham tais preocupações, mas, ainda assim, trouxeram a lume uma série de fontes e informações fundamentais às pesquisas que viriam a ser entabuladas. Houve também as exceções, caso daqueles ensaios eivados de diletantismo e até de improviso, mais preocupados em promover uma divulgação e até uma propaganda estatal do que efetuar qualquer tipo de aprofundamento histórico.

Desse modo, desenvolveu-se uma historiografia informativa, pela qual diversos trabalhos acabam assumindo a condição declarada ou dissimulada de autênticos catálogos. A tendência geral é o não reconhecimento de interfaces da imprensa com sua conjuntura histórica, embora, em alguns casos, como os que envolvem acontecimentos relevantes para a história política gaúcha, se esbocem algumas tentativas nesse sentido. Entretanto, tais considerações não atingem o nível explicativo, permanecendo apenas um pano de

fundo em que se desdobra a “história da imprensa”. Ainda assim, tais características não chegam a ser suficientes para renegar relevância ou descartar tal produção historiográfica, a qual dever ser colocada no seu devido lugar de material para vir a compor uma história da imprensa rio-grandense¹².

¹² RÜDIGER, Francisco Ricardo. *História da imprensa e da comunicação social no Rio Grande do Sul (bibliografia e notas para uma avaliação crítica)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1983. p. 5-7. Francisco Rüdiger ainda tece as seguintes considerações sobre a tendência historiográfica tradicional entabulada acerca da imprensa gaúcha: A problemática mantém-se atenta a uma perspectiva que, fiel a um princípio de imanência hoje caduco, não articula os seus temas de análise à sociedade e aos contextos sociais particulares em que foram produzidos e sobre os quais tiveram efeitos. Por outro lado, nem mesmo essa perspectiva parece ser levada a desenvolvimentos satisfatórios em muitos casos. A caracterização da estilística dos meios jornalísticos abordados é muito tímida e, quando ocorre, quase que invariavelmente deriva para o exercício catalográfico. Seus motivos, seus porquês, mantêm-se ignorados. Em suma, deve-se dizer que o conjunto de trabalhos agrupados nessa problemática, que cronologicamente ainda vigora em trabalhos contemporâneos, carece, na verdade, de uma problematização da própria história da imprensa. Não há um trabalho de interpretação que evite, falando-se de história da imprensa, a criação de sentido espontâneo de uma sucessão de eventos que, de uma forma mágica, conduz até nossa época. A elucidação dos fatores sociais, econômicos e culturais por ele responsáveis permanece obscura. Por exemplo, a tematização do jornalismo do interior assinala a diminuição dos títulos e a regressão constante de sua importância, mas não explica suas circunstâncias. Inexiste uma análise das condições que fizeram

Somente a partir dos escritos de Carlos Reverbel ocorreria uma mudança de horizontes, uma vez que, em um de seus trabalhos sobre a imprensa gaúcha, lança uma série de propostas em direção a uma renovação nos métodos de pesquisa a respeito do jornalismo e, na sua análise, conjuntura histórica e imprensa encontram-se articuladas e contextualizadas no âmbito da sociedade. Apesar dessas ideias renovadoras, a história geral da imprensa sul-rio-grandense continuou sendo estabelecida predominantemente a partir de um modelo tradicionalmente descriptivo. Mas exceções surgiram já ao final do século XX e na virada para a centúria seguinte, quando os ensinamentos de Reverbel floresceriam, notadamente no meio acadêmico-universitário, desenvolvendo-se uma história do jornalismo calcada em ampla renovação teórico-metodológica e na inter-relação entre as várias áreas do saber humano¹³.

prosperar a imprensa interiorana bem como uma investigação dos problemas surgidos com a penetração dos sistemas de comunicação provenientes dos grandes centros do país. Embora, por força da ausência de procedimentos explicativos, muitos dos trabalhos dessa problemática abram caminho para o anedótico, deve-se frisar que, talvez em consequência disso, constituem-se em materiais indicativos valiosos para o desenvolvimento crítico de alguns episódios que narram. (p. 7-8).

¹³ Este livro constitui uma versão revisada e ampliada do texto “Uma historiografia da imprensa gaúcha”, publicado no volume 51 da *Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense*, editado em 2011, pela Universidade Federal do Rio Grande. O critério para o estudo dos trabalhos selecionados é a abordagem estrita de uma história geral da imprensa sul-rio-

grandense. Também foram destacadas pesquisas de enfoque mais específico, no caso de serem complementares em relação aquele foco central. Não foram incluídas na pesquisa monografias, dissertações e teses realizadas no âmbito universitário.

Mudanças de enfoque metodológico e permanências da perspectiva tradicional

Em meio ao turbilhão de obras predominantemente descritivas sobre o jornalismo sulino, o escritor Carlos Reverbel veio a estabelecer um diferencial no enfoque acerca do tema. Na década de 50, Reverbel publica dois novos trabalhos sobre a imprensa gaúcha, um na *Enclopédia Rio-Grandense*, em 1956, intitulado “Evolução da imprensa rio-grandense (1827-1845)” e outro, na obra *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, em 1957, denominado “Tendências do jornalismo gaúcho”¹⁴. Nesse segundo escrito, o autor

¹⁴ REVERBEL, Carlos. Evolução da imprensa rio-grandense (1827-1845). In: *Enclopédia Rio-Grandense: o Rio Grande Antigo*. v. 2. Canoas: Editora Regional, 1956. p. 241-264.; e REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-124. Ao apresentar-se, a *Enclopédia Rio-Grandense* destacava os seus objetivos: abordar a pesquisa sistematizada e a divulgação objetiva de elementos sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul, sua gente, sua cultura e seu progresso, e focalizar os mais variados prismas da vivência humana, espelhando o período de formação histórica, cultural e econômica do nosso interior, retratando com variedade de aspectos tudo quanto diga respeito à vida humana no Rio Grande do Sul. *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense* foi o título de um curso realizado pela Universidade do Rio Grande

lança alguns dos pressupostos que viriam a contribuir significativamente com as transformações pelas quais a historiografia da imprensa sul-rio-grandense passaria nos anos futuros. Nesse sentido, ele empreende uma abordagem diferenciada com relação a seus antecessores

do Sul em cinco fases (séries), nos anos de 1954, 1957, 1958, 1960 e 1962, e, em cada um delas, foram publicadas as palestras correspondentes, tornando-se um marco referencial na historiografia sul-rio-grandense. Com o curso, a Faculdade pretendia prestar uma contribuição ao aprimoramento dos professores de nível secundário e aos estudos que procuram conhecer e dar a conhecer a todos o que é o Rio Grande do Sul, visava também a fornecer ao homem e ao povo de seu estado o auxílio e os conhecimentos de que ele necessita para saber de onde veio, onde está e como deve agir para se por realmente em ligação com a terra e com os seus semelhantes. (PILLA, Luís. Prefácio. In: *Fundamentos...*, 1954 - primeira série). Carlos Macedo Reverbel (1912-1997), gaúcho de Quaraí, foi jornalista desde 1933, tendo trabalhado em Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde foi redator-secretário da revista *Província de São Pedro* e redator do *Correio do Povo*; historiador e pesquisador, membro da Associação Rio-Grandense de Imprensa e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; entre outros trabalhos, escreveu: "Bibliografia sul-rio-grandense" (série de 66 artigos comentados no *Correio do Povo*), "Classes políticas", "Um capitão da Guarda Nacional", "O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande do Sul e no Rio da Prata", "Assis Brasil" e "Maragatos e pica-paus: guerra civil e degola no Rio Grande". Dados obtidos a partir de: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 481 e VILLAS-BÔAS Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 422.

e coetâneos na pesquisa sobre o jornalismo gaúcho, promovendo algumas ideias que representariam os primórdios de uma renovação metodológica nas análises acerca da imprensa no Rio Grande do Sul.

No ensaio *Evolução da imprensa rio-grandense*, o escritor argumenta que na impossibilidade de fazer a história do jornalismo rio-grandense, tarefa necessária e sedutora, mas que consumiria anos de pesquisas, se limitaria a esboçar apenas a primeira fase de sua evolução. Explica que seu estudo era tudo quanto se pode levar a cabo – sem maiores pesquisas pessoais –, mas não deixando de recorrer, evidentemente, senão a todos, pelo menos aos principais elementos bibliográficos sobre a matéria. Para o autor essa seria uma empresa das mais espinhosas, dadas as deficiências da respectiva bibliografia – quase sempre de caráter fragmentário – e, sobretudo, por causa de sua inacessibilidade, pois consta de publicações em geral esgotadas, quando não desaparecidas¹⁵.

Nesse artigo, o autor não chega a apresentar maiores novidades quanto a fundamentos teórico-metodológicos, limitando-se a explanar sobre o que considera a primeira fase da imprensa rio-grandense, desde o surgimento da mesma até o fim da Revolução Farroupilha. Destaca as discussões acerca do “primeiro jornal” e do “primeiro prelo”, aceitando Salvador José Maciel como o “fundador” da imprensa na província e descrevendo “vida e características” do *Diário de Porto Alegre*, além de fazer uma referência ao *Constitucional Rio-Grandense*. Para Reverbel, durante a “primeira fase”, havia dois tipos de jornais, os “difamadores” e

¹⁵ REVERBEL, 1956. p. 243.

“irresponsáveis”, com a primazia das agressões pessoais e os político-partidários, que teriam predominado sobre os primeiros. Segundo o escritor, durante a Revolução de 1835, a imprensa tinha um caráter partidário e ideológico, considerando os periódicos como “precursores” do movimento rebelde. O autor faz ainda uma lista de alguns dos jornais que serviram à Revolução, além de outros de cunho legalista, destacando também a “feição e estilo” desses primeiros periódicos. Ao final do texto, Reverbel cita as “principais” referências bibliográficas que existiam, até aquela época, sobre a imprensa no Rio Grande do Sul.

Trecho do texto

Na impossibilidade de fazer a história do jornalismo rio-grandense, tarefa necessária e sedutora, mas que consumiria anos de pesquisas, nos limitamos a esboçar, nestas páginas, apenas a primeira fase de sua evolução.

É tudo quanto se pode levar a cabo (sem maiores pesquisas pessoais), mas não deixando de recorrer, evidentemente, senão a todos, pelo menos aos principais elementos bibliográficos sobre a matéria. Mesmo assim, a empresa é das mais espinhosas, dadas as deficiências da respectiva bibliografia (quase sempre de caráter fragmentário) e, sobretudo, por causa de sua inacessibilidade, pois consta de publicações em geral esgotadas, quando não desaparecidas.

Que é feito, por exemplo, da “contribuição para a história da imprensa rio-grandense”, escrita por Vitor Silva, para as comemorações do centenário da Imprensa Nacional? Que fim levou, por sua vez, o “estudo de grandes proporções”, original inédito de autoria de Augusto Porto

Alegre , cuja divulgação Aurélio Porto reclamava em 1934, apontando-o como capaz de preencher “essa grande lacuna da história rio-grandense”?

Além de incompleta, reduzida e de difícil acesso, a bibliografia do nosso jornalismo ainda sofreu verdadeiras amputações. (...)

Ao fazer a periodização da nossa imprensa, tendo em vista a história da sua evolução, pode-se tomar como pontos de referência, para assinalar a sua primeira fase, os anos de 1827, data da fundação do *Diário de Porto Alegre*, e de 1845, data do fim da Revolução Farroupilha. Tivemos, nesse período, um jornalismo que se caracterizava pelo tom polêmico e pelas agressões pessoais, devendo distinguir-se, dentro do panorama geral, duas correntes dominantes: uma, eminentemente política; outra, nitidamente vazia de conteúdo, entregue a toda sorte de excessos e destemperos. (...)

A primeira fase da imprensa rio-grandense (1827-1845) gira em torno de um acontecimento capital: a Revolução Farroupilha. O seu caráter partidário e, de certo modo, ideológico, chegando, na sua evolução, a dar corpo a ideias como o liberalismo, a federação e a própria república, começou a esboçar-se já em 1828, através de nosso segundo jornal – o *Constitucional Rio-Grandense* – emprestando à nossa imprensa um sentido político, senão único, de qualquer forma o mais nitidamente demarcado no Brasil daquela época. (...)

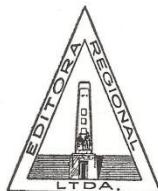
Se examinarmos o conteúdo dos órgãos da Revolução Farroupilha, sem dúvida os mais expressivos da primeira fase do jornalismo rio-grandense, pela sua identificação como grande movimento, mais se robustecerá a nossa convicção de que aqui tivemos, naquela época, um jornalismo que se nutria de ideias e que batalhava pela sua implantação.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE

2.º Volume

**O RIO GRANDE
ANTIGO**



Editora Regional Ltda.
Canoas — R. G. S. — Brasil

**Evolução da Imprensa rio-grandense
(1827-1845)**

Carlos Reverbel

O outro artigo, “Tendências do jornalismo gaúcho”, inseriu-se na série de estudos denominada *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, evento que corporificou a preocupação de um encontro com o Rio Grande, por outros caminhos que não somente os da historiografia tradicional¹⁶. Nesse contexto, o trabalho representa verdadeira exceção, quando relacionado com os demais estudos sobre a imprensa realizados até então, pois, nele, Reverbel organiza o texto a partir de um arcabouço metodológico, revelando preocupações até então não abordadas por seus antecessores. Ao definir seu objeto de trabalho, ele também aponta as dificuldades na realização do mesmo, notadamente por causa das limitações e do caráter fragmentário da bibliografia disponível.

Modesto, o autor expressa que seu trabalho não ia além de notas, através das quais, sem fazer história, procuraria apenas caracterizar as três principais fases do jornalismo no Rio Grande do Sul, em relação aos acontecimentos sociais e políticos que lhe serviram de panorama e campo de ação. Reverbel afirma que se detivera particularmente nas duas primeiras etapas, cuja história já fora esboçada, pois maior exame da terceira fase do jornalismo gaúcho implicaria em pesquisas demoradas, cujos resultados não seria possível obter-se de uma hora para outra. De acordo com o escritor, a bibliografia alusiva, além de escassa e de difícil acesso, pois se encontra em publicações na totalidade esgotadas,

¹⁶ MOREIRA, Earle Diniz Macarthy. Linhas de pesquisa histórica no Rio Grande do Sul. In: *Anais da VI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo: SBPH, 1987. p. 49.

é, em geral, fragmentária, não existindo, nessas condições, nenhuma obra sobre o jornalismo rio-grandense que pudesse ser apontada como definitiva¹⁷.

Mesmo que apresente seu artigo escrito na obra *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense* como simples “notas”, sem pretender “fazer história”, Carlos Reverbel traz ao público um texto histórico, rico em informações, como é a tradição da bibliografia sobre a imprensa gaúcha, mas acrescenta a isso o esboço de algumas inovações metodológicas. Segundo o autor, significativo trabalho era ainda necessário para promover a construção da história da imprensa rio-grandense, tarefa que não mais poderia ser executada de forma individual e “amadora” e sim, em equipe e com uma renovação na metodologia da pesquisa.

Na concepção de Reverbel, para que se conseguisse escrever, como se tornava necessário, a história do jornalismo rio-grandense, lacuna que demorava a ser preenchida, seria preciso que se empreendesse, preliminarmente, amplo trabalho de documentação, pois grande parte do que se escrevera sobre o assunto, no Rio Grande do Sul, escapava aos interessados, por falta de indicação e, consequentemente, de conhecimento das fontes. O escritor explica que ainda não se fizera no contexto gaúcho nem sequer o levantamento das coleções de jornais antigos existentes nas bibliotecas e arquivos públicos e particulares do estado, bem como não se dispunha nem mesmo de um catálogo da imprensa rio-grandense. Defende o autor que a história do jornalismo no Rio Grande do Sul dificilmente poderia ser obra de um só pesquisador, pela

¹⁷ REVERBEL, 1957. p. 101-102.

enorme soma de material que faltava reunir, de modo que se chegara a uma situação em que, individual e amadoristicamente, não mais se conseguiriam resultados satisfatórios, no campo dos estudos sociais. Nessa linha, ele destaca que seria necessário um trabalho de equipe, com recursos materiais e moderna orientação metodológica para que se conseguisse, o quanto antes, como era preciso, reunir o fundo de documentação necessário ao completo estudo da evolução do periodismo gaúcho¹⁸.

Carlos Reverbel refere-se às diferenciações regionais características do Brasil como fundamentais para um melhor entendimento do jornalismo brasileiro, afirmando que esse fenômeno cultural, sociológico e geográfico também se fez sentir na evolução da imprensa, levando à inexistência de um jornal nacional e à formação de verdadeiras “ilhas” regionalizadas. Para ele, o estudo da imprensa deveria ser feito “ilha a ilha”, ou seja, propunha a organização de estudos de caso regionais, como forma de construir a história da imprensa brasileira no seu conjunto, mesmo considerando essa como uma difícil tarefa. Exemplifica isso apontando o certo desprezo, principalmente por parte do centro do país, dedicado à produção histórica realizada no Rio Grande do Sul, destacando que o estudioso que quisesse conhecer a evolução da imprensa no Brasil teria de estudá-la segundo as diferentes regiões em que ela se afirmou, ou seja, “ilha por ilha”, e não apenas nas suas manifestações de Rio de Janeiro e São

¹⁸ REVERBEL, 1957. p. 102.

Paulo, “ilhas” também, do ponto de vista jornalístico, em relação ao resto do país¹⁹.

De acordo com tal convicção, na perspectiva do escritor, para realizar-se a construção da história da imprensa brasileira, não haveria outra alternativa senão proceder-se como nos trabalhos de geografia humana, empreendendo-se primeiramente levantamentos e estudos de âmbito regional, de modo que, sem esse procedimento, jamais se obteria a história do jornalismo no país, onde não circulava e nunca circulara um órgão que pudesse ser apresentado como expressão absoluta e muito menos como símbolo do jornalismo nacional, bem como periódico algum jamais desfrutara e, possivelmente, nunca desfrutaria dessa situação, só podendo o mesmo papel ser desempenhado dentro dos limites das diversas “ilhas” a que vivia circunscrito o jornalismo brasileiro, isto é, em caráter regional. A isso o autor acrescenta a afirmação de que a contribuição riograndense, em geral, não era sequer levada em conta pelos que vinham estudando o assunto fora do estado sulino²⁰.

Na mesma linha, a respeito da história da imprensa gaúcha, Carlos Reverbel censura a tendência que limitava o horizonte de estudo ao âmbito porto-alegrense, omitindo a contribuição representada por alguns centros do interior do estado. O autor aponta para a necessidade de ampliar a pesquisa a outras cidades onde a imprensa teve grande desenvolvimento, explicando que não seria possível traçar a evolução da imprensa no Rio Grande do Sul, limitando-se o campo

¹⁹ REVERBEL, 1957. p. 102-103.

²⁰ REVERBEL, 1957. p. 104-105.

de observação apenas ao que se passou na capital do estado, uma vez que outros centros, notadamente Rio Grande e Pelotas, teriam de ser da mesma forma estudados, pois estavam em condições de apresentar relevante contribuição²¹.

Ainda com referência à elaboração de uma história da imprensa, o autor destaca a necessidade de conservação das fontes em bibliotecas, arquivos e museus, com referência especial à situação da Biblioteca Nacional. Para o escritor, as grandes dificuldades que então cercavam a preservação dos acervos jornalísticos representavam um grave obstáculo ao aprimoramento das pesquisas concernentes às ciências humanas como um todo, considerando que, aparentemente, tal deficiência poderia constituir percalços apenas aos que pretendiam estudar a evolução do jornalismo, na realidade, porém, os prejuízos seriam maiores, pois envolviam quase todos os estudos sociais, por se tratar de fontes de primeira grandeza e capazes, portanto, de fornecer aos pesquisadores elementos da maior valia²².

Sobre cada um dos assuntos abordados, Reverbel remete a referências bibliográficas que podem permitir a identificação da fonte ou a ampliação do conhecimento sobre determinado aspecto. A parte mais completa do trabalho refere-se à “primeira fase”, acerca da preparação e desenvolvimento do conflito farroupilha, discutindo as origens da imprensa e as características dos primeiros periódicos rio-grandenses. Diferentemente de outros autores, Reverbel promove uma revisão bibliográfica, bem como contrapõe as diferentes visões e

²¹ REVERBEL, 1957. p. 105 e 107.

²² REVERBEL, 1957. p. 108.

argumenta sobre as mesmas. Ele aponta que, diante da divergência entre os autores, não restava outra alternativa senão voltar-se ao tema, para tirá-lo a limpo, promovendo um reexame do mesmo, o qual poderia ser efetivado a partir das atividades universitárias, nas quais deveriam ser realizadas as pesquisas fundamentais sobre a evolução da cultura rio-grandense²³. Além disso, o autor explica o contexto histórico da formação do Rio Grande do Sul e do surgimento da imprensa, nessa “primeira fase”. As apreciações sobre a “segunda fase”, durante a transição monarquia – república, são mais sucintas, com destaque às atuações de Júlio de Castilhos e Carlos von Koseritz e às folhas *A Federação* e *A Reforma*. A referência à “terceira fase”, a partir de 1895, é, como o próprio autor anunciara, ainda mais restrita, falando sobre a “equidistância” e o “primado da notícia” do jornal *Correio do Povo*.

Inter-relacionando o jornalismo no âmbito universal e regional, o escritor busca esclarecer que se na sua expressão material, ou seja, quando levados em conta os engenhos mecânicos, os processos técnicos e as formas de aplicá-los, o jornalismo rio-grandense aparecia como resultado de um sistema universal de elaboração industrial, o qual não tinha características absolutamente próprias e não se revestia de verdadeira originalidade, o mesmo não se poderia dizer do seu espírito e da sua ação, com raízes que se confundem com as da própria formação gaúcha. Associando a conjuntura histórico-social sul-rio-grandense com a evolução das atividades jornalísticas, o autor explica que se formou um jornalismo tipicamente rio-grandense, que vem

²³ REVERBEL, 1957. p. 109.

subsistindo na medida em que se tornou capaz de conservar-se autêntico e representativo, apontando que deveria ser em função de tal integração na vida social que teria de ser estudada aquela evolução²⁴.

Também com referência a esse aspecto, Carlos Reverbel inova na forma de tratar a imprensa, empreendendo um modo de historiar diferenciado com relação aos trabalhos anteriores. Tal inovação pode ser percebida na maneira pela qual ele encara a imprensa, não como um elemento histórico isolado e sim como algo que interage com a sociedade na qual está inserida. Segundo o autor, o panorama ético em que se situara a imprensa rio-grandense não era, evidentemente, resultado de um fenômeno de geração espontânea, que tivesse vindo a furo de uma hora para outra, de modo que era resultado de todo um processo evolutivo, cujas raízes remotas e profundas se confundiam com as da própria formação social gaúcha, pois se era verdade que a imprensa influíra sobre a sociedade, não seria menos exato que a sociedade também exercera influências sobre a imprensa, em uma escala talvez mais determinante, ao passo que os jornais, em última análise, eram tanto um produto dos leitores e anunciantes, que os compravam e sustentavam, como dos proprietários que os administravam e orientavam, e dos profissionais que os elaboravam tecnicamente²⁵.

Assim, Carlos Reverbel presta uma contribuição inestimável para uma melhor compreensão histórica da imprensa gaúcha, lançando alguns dos preceitos que viriam a ser aprimorados a partir das décadas seguintes.

²⁴ REVERBEL, 1957. p. 109.

²⁵ REVERBEL, 1957. p. 114.

Floresceria sua ideia de estabelecer uma inter-complementação mútua entre os estudos promovidos sob o prisma da historiografia até então vigente e aqueles a serem desenvolvidos a partir das atividades universitárias, e seu ensaio passaria a constituir um elemento chave nos trabalhos de graduação e pós-graduação que viriam a versar sobre a imprensa no Rio Grande do Sul. Na sua obra, história e imprensa são elementos que interagem entre si, inter-relacionando-se com o meio no qual se desenvolveu o jornalismo, de modo que as posições discursivas dos jornais aparecem contextualizadas no todo da sociedade na qual eles circularam.

Mesmo que o “fazer história” do escritor ainda estivesse marcado por alguns dos elementos constitutivos do discurso historiográfico predominante, mormente no texto de 1956, seus estudos representaram um considerável avanço quanto a este, à medida que o autor busca realizar uma revisão e até uma crítica bibliográfica. Além disso, ele aponta para a necessidade de uma modernização na orientação metodológica, bem como para uma proveitosa aproximação entre as ciências sociais para, em conjunto, estabelecer mais completas explicações acerca da formação histórica da imprensa. O autor também apresenta como fundamental o inter-relacionamento entre a evolução das práticas jornalísticas com o meio sócio-histórico no qual elas desenvolveram-se, de modo que os jornais, de acordo com tal perspectiva, não aparecem como elementos isolados, com vida própria e pairando acima do contexto político, econômico, social e ideológico. Desse modo, no intento de estabelecer uma explicação histórica a respeito de mais uma das “ilhas” que compõem o

jornalismo brasileiro, Carlos Reverbel empreende um passo significativo para a construção historiográfica da imprensa rio-grandense-do-sul.

Trecho do texto

Este trabalho não vai além de notas, através das quais, sem fazer história, procurei apenas caracterizar as três principais fases do jornalismo no Rio Grande do Sul, em relação aos acontecimentos sociais e políticos que lhe serviram de panorama e campo de ação. Detive-me particularmente nas duas primeiras, cuja história já foi esboçada, pois o maior exame da terceira fase do nosso jornalismo implicaria em pesquisas demoradas, cujos resultados não seria possível obter-se de uma hora para outra. (...) Desta fase da evolução do nosso jornalismo não existe, praticamente, bibliografia. É ela campo aberto à pesquisa, o que não significa que as fases anteriores estejam completamente estudadas. A bibliografia alusiva, além de escassa e de difícil acesso, pois se encontra em publicações na totalidade esgotadas, é em geral fragmentária, não existindo, nestas condições, nenhuma obra sobre o jornalismo rio-grandense que possa ser apontada como definitiva. (...)

Como se vê (...), a título de mera exemplificação, não é possível traçar a evolução da imprensa no Rio Grande do Sul, se limitarmos o campo de observação apenas ao que se passou na capital do estado. Outros centros, notadamente Rio Grande e Pelotas, terão de ser da mesma forma estudados, pois estão em condições de apresentar relevante contribuição. (...)

Quando se fala em imprensa brasileira e, implicitamente, em imprensa rio-grandense, é preciso esclarecer que não temos um padrão jornalístico especificamente brasileiro ou rio-grandense. Basta que se compare os diversos jornais em circulação presentemente

nesta capital, para que se observe que é isso o que ocorre na realidade. Cada um se apresenta sob determinada feição gráfica, que o caracteriza e diferencia dos demais, representando a nossa imprensa, em conjunto, tantos padrões quanto são os que se tornaram clássicos na Europa e nos Estados Unidos, sendo que, entre nós assumiram uma feição mista, com coisas do jornalismo europeu e coisas do jornalismo norte-americano e, naturalmente, algumas marcas crioulas, impostas pelo meio. Como os engenhos mecânicos, os processos técnicos e as formas de aplicá-las nos vêm daqueles centros, muito mais desenvolvidos profissionalmente, é natural que os adotemos, na medida em que isto é possível de acordo com as condições locais. Mas, se na sua expressão material, como resultado de um sistema universal de elaboração industrial, o jornalismo rio-grandense não tem características absolutamente próprias e não se reveste de verdadeira originalidade, o mesmo não se poderia dizer do seu espírito e da sua ação, com raízes que se confundem com as de nossa própria formação social. Temos, neste sentido, um jornalismo tipicamente rio-grandense, que vem subsistindo na medida em que se tornou capaz de conservar-se autêntico e representativo. É em função desta integração na nossa vida social que terá de ser estudada a sua evolução. (...)

O panorama ético em que se situa a imprensa rio-grandense não é, evidentemente, resultado de um fenômeno de geração espontânea, que tenha vindo a furo de uma hora para outra. É resultado de todo um processo evolutivo, cujas raízes remotas e profundas se confundem com as de nossa própria formação social, pois se é verdade que a imprensa influí sobre a sociedade, não é menos exato que a sociedade também influí sobre a imprensa, numa escala talvez mais determinante, já que os jornais, em última análise, são tanto um produto dos leitores e anunciantes, que os compram e sustentam, como dos proprietários que os administram e orientam, e dos profissionais que os elaboram tecnicamente.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

FUNDAMENTOS DA CULTURA RIO-GRANDENSE

Segunda Série

Textos de

ATHOS DAMASCENO ••• BALDUÍNO RAMBO
CARLOS REVERBEL ••• GUILHERMINO CESAR
JOÃO-FRANCISCO FERREIRA ••• MOYSÉS VELLINHO
OTHELO ROSA

Prefácio de
LUIZ PILLA



FACULDADE DE FILOSOFIA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

TENDÊNCIAS DO JORNALISMO GAÚCHO

Este trabalho não vai além de notas, através das quais, sem fazer história, procurei apenas caracterizar as três principais fases do jornalismo no Rio Grande do Sul, em relação aos acontecimentos sociais e políticos que lhe serviram de panorama e campo de ação. Detive-me particularmente nas duas primeiras, cuja história já foi esboçada (1), pois maior exame da terceira fase do nosso jornalismo implicaria em pesquisas demoradas, cujos resultados não seria possível obter-se de uma hora para outra. Trata-se daquela "era nova no jornalismo do Estado", de que nos fala João Pinto da Silva, na "História Literária do Rio Grande do Sul", ao registrar o aparecimento do "Correio do Povo", ocorrido em 1895, com um "programa, implícita e explicitamente, alheio de todo a preferências de partidos". Desta fase da evolução do nosso jornalismo não existe, praticamente, bibliografia. E' ela campo aberto à pesquisa, o que não significa que as fases anteriores estejam completamente estudadas. A bibliografia alusiva, além de escassa e de difícil acesso, pois se encontra em

1) Ela deveras reduzida e incompleta a bibliografia do Jornalismo rio-grandense. Existem entretanto alguns trabalhos de interesse fundamental. Afora os mais antigos, tais como os de José Ferreira Rodrigues («Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul 1827-1845», publicadas no «Almanak do Rio Grande do Sul» para 1900, de que se editou uma separata, impressa, nas Oficinas a vapor da Livraria Americana, Rio Grande, 1899) e o de Teixeira de Melo («O primeiro jornal do Rio Grande do Sul», apensoado no Almanach Popular Brasileiro, para 1905, de Echenique, Imprimeur & Cia., Livraria Universal, Pelotas), amplamente utilizados pelos historiadores mais recentes da nossa imprensa, não se pode deixar de recorrer aos seguintes:

a) João Pio de Almeida — «Gênese da imprensa no Rio Grande — In «Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil», oficinas gráficas da Imprensa Federal, Rio de Janeiro, 1922;

b) Aurélio Pôrto — «O Colono Alemão — Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul — 1827-1837», separata do Volume XXX das «Publicações do Arquivo Nacional — 2º vol. do Processo dos Farrapos», oficinas gráficas do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1934;

c) Nestor Erickson — «A formação da imprensa rio-grandense», in «Terra Farroupilha», vol. I, obra comemorativa do segundo centenário da fundação do Rio Grande do Sul (1737-1937), editada por Armando Lima, Breno de Barcelos e David Barros Cassal, Pôrto Alegre, 1937;

d) Nestor Erickson — «Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul», in «Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia», edição da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre, of. gráf. da Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1940;

e) Nestor Erickson — «A imprensa do Rio Grande do Sul da Abolição à Repúblíca», in «Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia», 2º volume, de S. J. Souza — «A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul, Imagem da terra gaúcha», Editora Cosmos Limitada, Pôrto Alegre, 1942;

g) Athos Damasceno Ferreira, «Jornais críticos e humorísticos de Pôrto Alegre no século XIX», Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1944.

Apesar dessa proposta de uma renovação metodológica apresentada na década de cinquenta, diversos dos trabalhos a respeito da história geral da imprensa rio-grandense continuariam inseridos nos pressupostos da formação discursiva até então entabulada pela maioria dos escritores, embasando-se os trabalhos em uma abordagem predominantemente descritiva. No mesmo conjunto de palestras no qual Carlos Reverbel apresenta suas ideias de renovação na abordagem da história da imprensa, os *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, em uma edição posterior, poucos anos mais tarde, em 1964, Edgar Luiz Schneider publica o artigo “Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX”²⁶, escrito nos moldes até então amplamente difundidos na historiografia acerca do jornalismo gaúcho. Na abertura do trabalho, o autor destaca a

²⁶ SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 81-101. O porto-alegrense Edgar Luiz Schneider (1893-1963) era diplomado pela Escola Superior de Comércio e bacharel em Direito; foi advogado, jornalista, político e pesquisador; atuou como redator do *Correio do Povo*; professor e reitor da Universidade do Rio Grande do Sul; deputado estadual e federal; membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Entre outros trabalhos, publicou: “Osório: o cidadão, o soldado e o político”, “Em torno da independência”, “Panteão rio-grandense”, “Afirmação nacional da Guerra dos Farrapos” e “Maragatos e libertadores”. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 534. e VILLAS-BÔAS. p. 468.

importância da imprensa dentro de um país “civilizado”, com a função de prestar informações, esclarecimentos, instrução e orientação à sociedade. O texto encontra-se dividido em seis partes, sem subtítulos, levando em conta parâmetros cronológicos.

Na primeira parte, Schneider refere-se aos impedimentos à imprensa, durante o período colonial, bem como ao surgimento desta e dos passos iniciais da legislação sobre o tema; caracteriza, também, os interesses predominantemente políticos dos jornais da época. A segunda parte trata do período entre o aparecimento do primitivo jornal rio-grandense (1827) e a eclosão da Revolução Farroupilha, descrevendo algumas características dos primeiros periódicos gaúchos, apontando a importância da imprensa para a preparação da guerra civil. No terceiro segmento, demarcado pelo desenrolar da Revolução, de 1835 a 1845, o autor prossegue destacando os jornais e tecendo breves considerações sobre os mesmos. Já na parte seguinte, que vai de 1845 até aproximadamente a virada do século, o autor passa a arrolar os periódicos, catalogando-os por anos, praticamente sem caracterizar cada um deles, à exceção dos destaque dados para *A Reforma* e *A Federação*. O quinto segmento trata dos jornais do século XX, da fundação da Associação Rio-Grandense de Imprensa e da profissionalização do jornalismo. Na última parte, Schneider aborda os avanços da imprensa, que se adaptava à realidade da época e conclui, explicando a importância do estudo dos jornais para a história.

De acordo com a concepção do autor, o jornal era um testemunho redivivo, sobranceiro às gerações que se sucediam e, à roda dele, gravitavam os acontecimentos

remotos, ao sabor da época, de modo que seria através do periódico, fiel a si mesmo, que se fazia a história, sem preconceitos e com a realidade à vista²⁷. Ao descrever a imprensa, Edgar Luiz Schneider trabalha com as informações de autores anteriores, destacando as fontes, porém, isso nem sempre ocorre, como ao reproduzir uma afirmação, de modo praticamente literal de uma passagem de João José Cezar, sem referenciá-lo. Ao historiar a imprensa dos séculos XIX e XX, o autor, na maior parte do texto, segue a tradição de estabelecer uma listagem de jornais, não havendo, porém, qualquer referencial para justificar a escolha dos periódicos abordados.

Trecho do texto

Já se afirmou que cada época, em país civilizado, dispõe de imprensa que a reflete, nas opiniões e nas tendências, visando a informar e esclarecer, a instruir e orientar. Assim acontece, de fato, em todas as sociedades politicamente organizadas, onde mais verossímeis são os meios de expressão quanto maiores as garantias de liberdade, conferidas ao jornalista devotado ao seu ofício. (...)

Entre as províncias que, primeiro, sentiram os bafejos de jornalismo militante, é sabido que se sobressaiu a do Rio Grande do Sul, em cujo seio se havia de afeiçoar e expandir, como uma válvula de segurança e à guisa de enseada do proselitismo político, galvanizado pela crescente efervescência democrática. (...)

Graças ao surto diluvial de inovações, que interessam hoje todas as atividades, variam e aperfeiçoam-se, a cada

²⁷ SCHNEIDER. p. 101.

passo, a técnica e os processos da imprensa moderna. Embora a ética jornalística não conheça distorções, é certo que a feição material do periódico sofre mutações constantes e até mesmo surpreendentes. A preocupação em agradar ao público, visando a descobrir o seu gosto, a fixar as suas necessidades e a satisfazer as suas inclinações, resume a própria condição de sobrevivência do jornal, sob o império da evolução humana. Tudo se moderniza, nos meios de comunicação às massas, o noticiário, a reportagem, a entrevista, o editorial.

Felizmente outra não tem sido, entre nós, nas suas folhas diárias da manhã ou da tarde, a crescente adaptação às conquistas hodiernas. O Rio Grande do Sul só tem por que se rejubilar da difusão que o jornalismo adquiriu nas cidades do interior e nesta metrópole, onde a arte de escrever e de vulgarizar por meio da folha volante não tem segredos. Além de suplementos especializados, a variedade de suas seções abrange a multiplicidade das facetas sociais do meio, que reflete, que divulga e a que serve. (...)

Lado a lado já se encontram, entre nós, a imprensa escrita e a imprensa eletrônica, que se interpenetram e atuam conjugadas.

As tiragens aumentam e a circulação quase realiza o milagre da ubiquidade, pois as distâncias se encurtam e a presença do jornal lembra ao leitor, não raro, a máquina que o imprimiu.

Mas, a técnica jornalística, apesar do noticiário radiofônico, ainda não foi superada, porquanto a palavra impressa não se evola, pois que perdura, não se desfaz, por isto que permanece. O jornal é um testemunho redivivo, sobranceiro às gerações que se sucedem e, à roda dele, gravitam os acontecimentos remotos, ao sabor da época. É através do periódico, fiel a si mesmo, que se faz a história, sem preconceitos e com a realidade à vista. Assim o sentia Rui Barbosa quando afirmava: “Tudo o que merece durar, na constituição de um povo, recompõe-se e tonifica-se pela publicidade”.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

FUNDAMENTOS DA CULTURA RIO-GRANDENSE

Quinta Série

Textos de

ABEILLARD BARRETO :: ATHOS DAMASCENO FERREIRA
:: DORIVAL SILVA SCHMITT :: EDGAR LUIZ SCHNEIDER
:: JOSÉ SALGADO MARTINS :: LOURENÇO MÁRIO PRUNES
:: MANSUETO BERNARDI :: MOYSÉS VELLINHO :: SÉRGIO
DA COSTA FRANCO



FACULDADE DE FILOSOFIA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
GRÁFICA DA UNIVERSIDADE

IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE NOS SÉCULOS XIX E XX

Já se afirmou que cada época, em país civilizado, dispõe de imprensa que a reflete, nas opiniões e nas tendências, visando a informar e esclarecer, a instruir e orientar. Assim acontece, de fato, em tôdas as sociedades politicamente organizadas, onde mais verossímeis são os meios de expressão quanto maiores as garantias de liberdade, conferidas ao jornalista devotado ao seu ofício.

I

Se não existiu, ao longo do Brasil-colônia, a palavra escrita ao serviço de transmissões periódicas, pois não a consentia a legislação portuguesa, é certo que alvoreceu com a presença do Príncipe-Regente, a caminho da Independência.

Mas, foi o advento do Império, que deu curso, nos projetos e subseqüentes textos legais, à liberdade de imprensa. Primeiro o fez a Assembléa Constituinte que, embora a breve trecho dissolvida, teve a sua iniciativa revigorada pelo decreto de 22 de novembro do mesmo ano, e, afinal, fortalecida pela constituição outorgada de 25 de março de 1824. Entre os direitos, civis e políticos, consignava a publicação de quaisquer escritos pelos jornais, sem dependência de censura, excetuados os abusos nos casos e pela forma legalmente determinados.

Sob a disciplina dessa cláusula do estatuto maior viveu, durante 65 anos, o jornalismo da monarquia, submetidos seus delitos, após 1830, ao regime do Código criminal. A inovação de Bernardo de Vasconcelos, em matéria de competência, datada de 3 de dezembro de 1841, suscitou uma profunda reação e, por isso, decidiu o Parlamento retirar das atribuições da polícia e entregar aos juízes de direito o julgamento dos pequenos crimes de imprensa. Foi a única reforma que, a contento geral, sofreu a alca judicante.

Dessarte bafejados, surgiram e ganharam notoriedade os precursores e os expoentes do periodismo brasileiro. Multiplicaram-se as fôlhas volantes, revestindo feição e as mais diversas diretri-

Pouco depois, em 1964, Lothar Hessel publica o artigo “Imprensa gaúcha”²⁸, estampado nas páginas do jornal porto-alegrense *Correio do Povo*²⁹, em homenagem à “Semana da Imprensa”, comemorada àquela época pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado e pela Associação Rio-Grandense de Imprensa. No texto, o autor busca destacar os jornais a partir de uma peculiaridade, os títulos dos mesmos, citando, basicamente, o nome do periódico, por vezes

²⁸ HESSEL, Lothar. Imprensa gaúcha. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 10 set. 1964. O gaúcho Lothar Francisco Hessel (1915-2007) formou-se bacharel em Letras Neolatinas; foi professor na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul; redator, ensaísta, poeta, romancista, cronista e pesquisador; membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras; fundador do Círculo de Pesquisas Literárias; e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Dentre suas obras pode-se destacar: “Antenor de Moraes: escritor regionalista do Rio Grande do Sul”, “Aspectos sociais e literários do gaúcho”, “Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho”, “O tipo social do gaúcho”, “Portugueses que ajudaram a construir o Rio Grande” e “Três características da atuação do Parternon Literário”. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 273-274. e VILLAS-BÔAS. p. 235-236.

²⁹ O *Correio do Povo*, fundado em 1895 e circulando até a atualidade, foi um precursor na imprensa rio-grandense no que tange à prática de um jornalismo empresarial e à adoção de um norte editorial dito independente, ou seja, predominantemente informativo, que deveria pairar acima das disputas político-partidárias e ideológicas. Viria a tornar-se um dos mais importantes periódicos gaúchos em termos quantitativos e qualitativos (ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, cultura e sociedade no Rio Grande do Sul: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 137-138.).

acompanhado da respectiva cidade, além do ano de circulação e dos seus responsáveis. Hessel, assim, descreve jornais com nomes de insetos, flores, pássaros, fenômenos meteorológicos, ou ainda ligados à profissão de jornalista; bem como, destaca a presença da mulher na imprensa; os jornais “sérios e respeitáveis” e os periódicos “irreverentes”; os jornais manuscritos e os políticos. Cita uma série de “Correios”, “Diários”, “Vozes”, “Ecos”, “Gazetas”, “Folhas”, “Jornais”, “Notícias e “Opiniões”, como alguns dos títulos mais comuns.

Lothar Hessel, desse modo, tem por objeto a abordagem de um aspecto em particular na história da imprensa rio-grandense, optando por selecionar alguns periódicos no intento de homenagear os jornalistas gaúchos. Nesse sentido, afirma que de um fichário em que constam acima de 500 periódicos do interior do estado, retirara algumas fichas cujo exame permitiria ao leitor avaliar, se bem que palidamente, o “mourejar teimoso” dos “bravos jornalistas de outrora”. Explica o autor que longa seria a enumeração e o estudo das centenas de jornais que viram a luz da publicidade nos vários quadrantes do estado, de maneira que servisse, porém, aquele breve escorço para uma cordial comemoração da Semana da Imprensa de 1964 e uma homenagem a todos quantos, célebres ou humildes, nela continuavam labutando, olhos postos na elevação cultural e moral do povo sul-rio-grandense³⁰.

³⁰ HESSEL. p. 4.

Trecho do texto

Por ocasião das comemorações da Semana da Imprensa, talvez não seja fora de propósito atentar-se para os numerosos jornalistas gaúchos de antanho, os quais lutando embora contra condições adversas, cuja gama se espraiava desde a penúria econômica até os prepotentes empastelamentos, mantiveram nos pampas uma longa série de jornais, dos mais diversos matizes, tendências e formatos.

De um fichário em que constam acima de 500 periódicos do interior do estado, retiro algumas fichas cujo exame permitirá ao leitor avaliar, sem bem que palidamente, o mourejar teimoso dos bravos jornalistas de outrora. (...)

Longa seria a enumeração e o estudo das centenas de jornais que através de mil vicissitudes, viram a luz da publicidade nos vários quadrantes do estado, numa demonstração inconteste de que sobravam aos nossos antepassados, tempo, energia e ideais, em dose suficiente para sobrepor-se tanto ao quotidiano corriqueiro como às sanguinolentas refregas políticas e militares.

Sirva, porém, este breve escorço para uma cordial comemoração da Semana da Imprensa de 1964, e uma homenagem a todos quantos, célebres ou humildes, nela continuam labutando, olhos postos na elevação cultural e moral do povo rio-grandense.



CORREIO DO Povo

IMPRENSA GAÚCHA

(Especial para o "Correio do Povo")

LOTHAR HESSEL

Por ocasião das comemorações da Semana da Imprensa, talvez não seja fora de propósito atentar-se para os numerosos jornalistas gaúchos de antanho, os quais, durante a maior parte da sua existência, viveram em circunstâncias adversas, cuja gama se espraiava desde a penúria econômica até os prepotentes empastelamentos, mantiveram nos pampas uma longa série de jornais, dos mais diversos matizes, tendências e formatos.

De um ficheiro em que constam acima de 500 periódicos do interior do Estado, retirei algumas fichas cujo exame permitirá ao leitor avaliar, se bem que pálidamente, o mourejar temíso dos bravos jornalistas de outrora.

Na Barra do Ribeira, que circulava um ABCDEFGHIJKLMNOP-OPQRSTUVWXYZ, impulsionado por Fernando Horba, P. Thompson Flores, Pelayo Perez e Pedro R. Wayne. Com letres também se compuseram títulos como MCMXXVIII (Bage, 1928) que traduzia divisa "ab hoc et hinc"; YO-YO (1935); GE-GE (1936); ambas de Quarai; e O K. C. T., de Marcelino Ramos (1925).

Já a pléiade dos "Correios" e "Diários" foi mais pujante: "Correio", tivemos: "Correio de Atenas" (Rio Grande, 1846); "Correio do Col" ("Col", 1851); "Correio do Município" (Montenegro, 1902); "Correio do Pampa" (São Gabriel, 1917); "Correio do Sul" (Livramento, 1860); "Correio do Sul" (Bage, 1914, fundado por João Fanfa Riba); "Correio Mercantil" (Pelotas, 1874); "Correio Pelotense" (Pelotas, de vida efêmera, dirigido por Magda Costa); e "Correio Serrano" (Ijuí, 1917).

Entre os "Diários" houve: "Diário" (Bage, 1821); "O Diário" (Rio Grande, 1894); "Diário da Manhã" (São Gabriel, 1926); "Diário da Tarde" (São Gabriel, 1911), do qual foi diretor, até 1916, Roque Callage; "Diário de Bage", empastelado em 1887; "Diário de Notícias" (Rio Grande, 1894), órgão comercial; "Diário de Pelotas" (1857), órgão do Partido Liberal, adquirido e readaptado por Fernando Couto, a partir de 1874; o "Diário do Rio Grande", o mais antigo do Estado e o quarto, em todo o Brasil (1848), ainda existente no fim do Império; o "Diário do Sul", de Santana do Livramento; e o "Diário Popular" (Pelotas, 1890).

Títulos havia, porém, menos ligados à estrita profissão. Insetos, flores, pássaros, fenômenos meteorológicos, emprestaram seus nomes e inspiração de novos periodistas e assim. O "Cachoeira do Sul" apresentou "A Borboleta"; Quarai soltou "O Mosquito"; o São Gabriel, um "Grilo".

Três O BEM-TE-VI sobrevoaram Taquari, Erechim e Gaurama,

terra de gaúchos, algum periódico intitulado "O Cavalo". Mas não. O que se viu foi "A Equa" em Jaraguá (1875), de redação e propriedade de Nicanor Nolasco Rodrigues Faz.

A tradicional querela entre o cravo e a rosa, que chegou a dividir nossos avôs moços em dois lados tão rivais como os gremistas e colorados, não impressionou seriamente os plimutivos da época, desseste a florística se acha representada pelo "Jasmim" de Pelotas (1897), pela "Violeta" de Santa Maria (1902), pela "Lírio" de Quarai, no mesmo ano, e pela "Sensitiva", de Alegrete.

Cachoeira do Sul, que de "O Sol" manteve "A Lira" (1900) dirigida por um "selenita" — que era simplesmente Marcelo Gama — e considerado o jornal mais bem cuidado e espirituoso havido naquela cidade. "A Alvorada", colorida, assomou sobre Pelotas (1907) "defendendo os interesses dos homens de fato" e sobre "O Pardo" (1915). "A Aurora", editada em Quarai (1930) e o "Arco-Iris" brilhou em Santo Antônio da Patrulha (1920), ilustrado a cores, como convinha, e, sendo humorístico, perguntava em latim: "Quis velat dicere verum?"

Se os estudantes da Escola de Agricultura e Viticultura, de Taquari, mantiveram o "O Coração", com orientação crítica e literária, a mulher sul-rio-grandense também se fez presente em diversos pontos do Estado, com "O Progresso Literário" (Pelotas, 1877) "colaborado por cinco damas vantajosamente conhecidas no mundo literário" e por vinte e tantos escritores, entre os quais, do Rio Grande (1880), redigido pela poética Revocáis de Melo; com "O Orvalho", de Santana do Livramento (1888), empresa das poéticas Matilde e Alaiá Ulrich; e com "O Escrinio", de Santa Maria, dirigido pela escritora Andradina de Oliveira.

E com tantas belezas do passado poético sul-rio-grandense não se poderia omitir "O Beijo" da Rainha Pelotas de 1898, nem "O Caudilho", que se manifestou em Quarai, em 1898, ainda nos estertores da revolução de 93.

Respeitáveis são vários órgãos como "O Povo", o jornal que os farroupas editaram em Piretini (1838) e a "Aurora de Bage" (1861), ambos desaparecidos; a "Gazeta de Alegrete", o mais antigo jornal do Rio Grande do Sul ainda em circulação, e fundado em 1882 pelo barão de Ibiraci tendo como editor responsável o dr. Jesuíno Melquias de Souza; "O Taquarrense", o segundo mais antigo entre os confrades existentes, e que conserva o mais antigo arquivo, incendiado que foi, há anos, o da "Gazeta de Alegrete".

Ainda por ocasião das comemorações da Semana da Imprensa de 1964 e também junto ao *Correio do Povo*, foi apresentado o artigo “Jornais e jornalistas nos primórdios do século XX”, escrito, em duas partes, por Amaro Júnior³¹. Ainda que faça referência ao estado como um todo, o enfoque do autor é centrado na capital gaúcha, chamando atenção para o fato de que, apesar do aumento da população, houvera uma diminuição no número de jornais circulando. Ele toma por base as duas primeiras décadas dos Novecentos, nas quais lhe foi possível catalogar mais de trinta periódicos. Faz referência aos semanários, respeitados, mas com dificuldades na obtenção da notícia mais simultânea. Refere-se também aos hábitos de leitura entre os antepassados e os hodiernos, ressaltando a maior atenção daqueles em relação a estes. Em seguida passa a arrolar alguns dos jornais que circulavam nos primeiros decênios do século XX, mas desapareceram, demarcando a permanência do *Correio do Povo*. O jornalista explica que seu relato era “feito de memória” e com reduzidas fontes de informações.

³¹ AMARO JÚNIOR, José Ferreira. Jornais e jornalistas nos primórdios do século XX. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 9 set. 1964; e 10 set. 1964. José Ferreira Amaro Júnior foi um jornalista porto-alegrense, nascido em 1902, que desde jovem ligou-se às atividades tipográficas, vindo depois a dedicar-se ao periodismo. Foi cronista esportivo da *Folha da Tarde*, de Porto Alegre e dirigiu o *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul*, além de ter sido fundador e presidente da ACEPA e membro do Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul e da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Também atuou como filatelista. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 33.

Na segunda parte de seu artigo, Amaro Júnior volta a destacar a ação dos semanários, ressaltando que, no interior do estado ainda havia alguns. Explicita que tais folhas semanais tiveram “força” em meio ao jornalismo, enfatizando algumas de cunho noticioso, representantes do funcionalismo público, religiosas, propagandísticas, farmacêuticas e pertencentes às colônias estrangeiras; dando ainda especial atenção aos jornais humorísticos e citando as revistas. Com saudosismo, recorda-se de uma época em que se fazia jornal “com idealismo, boêmia e até certo lirismo”, explicando que o crescimento urbano trouxera transformações comportamentais que teriam influenciado diretamente na orientação dos periódicos.

Trecho do texto

A imprensa de Porto Alegre já teve, em épocas passadas, maior número de órgãos do que atualmente, muito embora a população da cidade não atingisse, talvez, a um terço da atual. Além de uma quantidade bastante elevada de jornais diários, havia em circulação diversos semanários de tiragem e muita penetração (...). Tomando por base as duas primeiras décadas deste século, foi-nos possível catalogar mais de três dezenas de jornais (...).

Além disso, o hábito da leitura era mais difundido do que hoje – quando muita gente somente lê “manchetes” e daí já existirem em muitos jornais especialistas em títulos que digam quase tudo em letras garrafais – (...).

É possível que deste relato tenham escapado muitos jornais diários que então se publicavam em nossa capital, mas, por ele – feito de memória com reduzidas fontes de informações – poder-se-á ver quantos jornais diários

estiveram à disposição do leitor porto-alegrense nos primeiros vinte anos do século XX, comparando com o número daqueles que hoje existem. (...)

Nesta semana em que se festeja a "Semana da Imprensa" é-nos grato lembrar tantos órgãos que integraram nos primeiros anos do século vinte a imprensa porto-alegrense. Com exceção única do *Correio do Povo*, nenhum deles existe agora, mas ficou a sua recordação e a recordação de uma época em que se fazia jornal com idealismos, boêmia, e, até, com certo lirismo. Porto Alegre cresceu vertiginosamente e a sua imprensa integrhou-se no espírito dos tempos atuais – velocidade e dinamismo. Qualquer coisa que aconteça nos confins do mundo, dentro de minutos terá seu relato e fotografias dentro das redações, trazidas pelos aparelhos de teletipos e radiofotos. A pacatez dos diários e semanários deixou de existir. O jornal, hoje, faz parte do panorama quotidiano, mesmo para o pedestre que somente lê "manchetes" nas bancas dos vendedores. No entanto, foram tempos heroicos aqueles, quando "fazer jornal" era tarefa inglória e cheia de perigos. Ainda agora há terroristas que querem destruir jornais, mas, naqueles tempos, os "empastelamentos" eram frequentes e não foram poucos os jornalistas surrados e assassinados por esbirros a mando dos poderosos. A eles a nossa homenagem nesta "Semana da Imprensa".



HOMENAGEANDO A IMPRENSA

JORNais E JORNALISTAS NOS PRIMÓRDIOs DO SÉCULO XX

Por AMARO JÚNIOR

(1a. de uma série de duas reportagens)

A Imprensa de Porto Alegre já do dia do acontecimento, dêle publicavam informações completas, ao mesmo tempo que os jornais diários. Além disso o hábito da leitura era mais difundido do que hoje — quando muita gente sómente lê "manchetes" e daí já existirem em muitos jornais especialistas em títulos que digam quase tudo em letras garrafais — e isso fazia com que os semanários fossem bastante apreciados e, muitos deles, momente os humorísticos, fossem esperados com ansiedade por parte dos seus leitores habituals. Em suma: nossa imprensa, hoje em dia, já não conta com os tão apreciados jornais semanais de antigamente, e os jornais diários, se aumentaram em páginas, diminuíram em número.

Excetuando o *Correio do Povo*, o jornal de Caldas Júnior fundado numa época do século anterior em que ninguém acreditava no sucesso de um órgão que não fosse partidário, todos os de mais surgidos de 1900 a 1920 ou vindos do século XIX, deixaram de existir. Alguns eram, mesmo, jornais de grande tradição na imprensa porto-alegrense, como, por exemplo, a *"A Reforma"*, órgão do Partido Federalista, cujo diretor era Maciel Júnior, *"A Federação"*, órgão do Partido Republicano, que teve na sua direção uma pléiade de homens ilustres, o *"Petit Jornal"*, dirigido por Batista Xavier, a *"Gazeta do Comércio"* com Pinto da Rocha como diretor, o velho *"Jornal do Comércio"*, que era o mais antigo de Porto Alegre e hoje teria mais de cem anos se ainda circulasse, impresso em grande formato e em papel verde, o *"Jornal da Manhã"*, de Alcides Maia (muitos anos depois surgiu outro diário com o mesmo título), a primitiva *"Última Hora"*, direção de Lourival Cunha e Fernando Barreto, que em 1923 foi o estelo publicitário da revolução assistida e travou com os republicanos da *"A Federação"* violentas batalhas impressas, o *"O Diário"*, a *"A Época"*, cujo diretor foi o famoso panfletário Coelho Cavalcanti, *"O Sul"*, dirigido por Adriano Ribeiro (irmão de Demétrio Ribeiro, *"O Inflexível"*, órgão republicano de Maurício Cardoso, o *"O Débâ"*, onde escreviam Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, Odorico Cavalcanti e tantos outros que mais tarde foram figuras de grande expressão no país. *"A Notícia"*, cujo diretor foi o depois embaixador Décio Coimbra, tendo como diretor-secretário o dr. Renato Costa, vespertino bem feito com boas "clicherias". *"A Gazeta do Povo"*, fundado em 1917 sob a direção de Francisco Xavier da Costa, impresso inicialmente papel rosé (como o *"Correio do Povo"*), passando a semanário em 1920, tendo Arnaldo Dutra como diretor e Antônio Heit como proprietário. Surgiram ainda em 1916 a *"Gazeta Popular"*, dirigida

HOMENAGEANDO A IMPRENSA

JORNais E JORNALISTAS NOS PRIMÓRDios DO SÉCULO XX

Por AMARO JÚNIOR

(2a. de uma série de 2 reportagens)

O desaparecimento do jornal semanário é, entre nós, quase total. No interior do Estado ainda circulam alguns — muitos contando mais de meio século de existência, como esse admirável "Correio Rural" (ex-"O Viamonegro" de Viamão) — mas, em Porto Alegre, tais órgãos, hoje, podem ser contados pelos dedos. No entanto o semanário porto-alegrense já foi uma força na nossa imprensa e sua importância era igual à dos grandes diáários, atingindo alguns altos tiragens. Vamos citar apenas do "Eco do Povo", o "O Independente" cuja redação e oficinas próprias estavam situadas à Rua da Ladeira. Redigido pelo jornalista Octávio de Oliveira, antes diretor da "A Gazetinha", foi o introdutor dos "retratos biográficos" que "rendiam" muito bem... Em 1899, Octávio de Oliveira foi agraciado por "encapuzados" (diz-se que a mando de Júlio de Castilhos) e o "Independente" todos os anos, no aniversário da agressão, publicava na primeira página ao alto, um desenho com quatro ou cinco colunas mostrando, dentro do espacamento, com o seu diretor sendo esborrado por um grupo de cinco ou seis mascarados. Era essa a vingança do jornalista... A coletividade dos homens de cér teve aqui dois jornais: o "O Exemplo", semanário muito bem feito cujos diretores foram vários, entre os quais o sr. Clemente de Oliveira, há pouco falecido, e "A Liberdade", este vivendo em Bagé, onde seu diretor Juvenal Joaquim de Lima, era prospéro proprietário de carros de praça e um dia resolreu vender tudo o que tinha para montar um jornal, o qual, inicialmente, saiu na "Rainha da Fazenda", transferindo-se mais tarde para Porto Alegre. "O Paladino", órgão do funcionalismo público, sob a direção de Francisco Castellar Pinto, o "Estrela do Sul", órgão católico, a "Folha do Sul", outro jornal católico que tinha como diretores o padre Mariano da Rocha e o sr. Gonzaga Reis, cujo primeiro número, saído em 1910, trazia apresentação e recomendação aos fiéis por parte do bispo Chaves.

tugões destinados a integrar os membros da coletividade itálica em sua nova pátria, o Brasil. Atualmente publicava um excelente "Almanaque". Os português também tiveram, por algum tempo o seu jornal, "O Lusitano", cujo cabecete ostentava a coroa real dos Braganças, raspada a canivete no dia 3 de outubro de 1910, quando foi proclamada a República no "jardim da Europa à beira-mar, plantado"...

Originalmente já tivemos em Porto Alegre um jornal sírio, redigido e composto com caracteres árabes, cujo nome, infelizmente não guardamos. Os jornais "humorísticos" também tiveram sua grande época nos vinte anos iniciais do século atual. Eram geralmente em quatro páginas com desenhos e, mais quatro, no verso, impressas, formato 30x25. O primeiro no gênero, deixando para trás aquéllos anteriores totalmente políticos, foi o "Pau Bate", vindo, depois, o "606" e o "914", denominações estas tiradas dos remédios contra a sifilis que então haviam aparecido, afirmando curas milagrosas e o "Xirti", seguindo-se outros, porém de gênero diverso, qual seja, o da crítica de costumes, a "A Sogra" (sainha "A Sogra" era coisa séria e muitas vezes dava briga). A "Sogra", "A Toga" e mais algumas espécies de senhoras eram Nery e Tupá. No mesmo estilo houve também um exclusivamente esportivo intitulado "Olim...piadas".

Com humorismo mais fino — ate hoje lembrado por muita gente — sempre satirizando os governantes e a alta sociedade. Olhemos o "O Maneca" dirigido pelo acadêmico Aparício Torelly, o hoje famoso "Barão de Itararé", cuja tiragem, fabulosa para a época, era disputada pelos leitores que compravam o exemplar a quatrocentos réis, quando os grandes diários eram vendidos a cent e duzentos réis. Mesmo assim, com uma alta renda, o jornal não pagava a tipografia, o que um dia obriu o dono da mesma, o velho Adolfo Powolny, a tomar a direção de "O Maneca" para explorá-lo mais.

o que não concordou o futuro "Barão", que saiu e foi fundar outro órgão do mesmo gênero, "O Chico", que, porém, teve pouca duração, pois não encontrou quem o imprimisse "para pagar depois"...

Outro gênero humorístico que, dada a época em que surgiu, obteve grande sucesso e muita venda, avulsa, foi o explorado pelo "O Zé Pelin", redigido em português "das colônias", misturado com alemão, ridicularizando os germanicos então na guerra de 1914.

Boas revistas ao tempo também circularam em Porto Alegre, algumas semanais, outras quinzenais. Entre elas citaremos "Kodak", "A Máscara" e "Orientado", esta dos alunos do Colégio Militar.

Nesta semana em que se festeja a "Semana da Imprensa" é-nos grato lembrar tantos órgãos que integraram nos primeiros anos do século vinte a imprensa porto-alegrense. Com exceção única do "Correio do Povo", nenhum deles existe agora, mas ficou a sua recordação e a recordação de uma época em que se fazia jornal com idealismo, boêmia, até com certo lirismo. Porto Alegre cresceu vertiginosamente e a sua imprensa integrhou-se no espírito dos tempos atuais: velocidade e dinamismo. Qualquer coisa que aconteça nos confins do mundo, dentro de minutos terá seu relato e fotografias dentro das redações, trazidas pelos aparelhos de teletipos e radiofotografias. A pacatez dos diários e semanários deixou de existir. O jornal, hoje, faz parte do panorama quotidiano, mesmo para o pedestre que sómente le "manchetes" nas jornadas dos vendedores. No entanto, fizeram tempos heróicos aquelles, quando "fazer jornal" era tarefa ingrata e cheia de perigos. Ainda agora há terroristas que querem destruir os jornais, mas, naqueles tempos, os "empastelamentos" eram freqüentes e não foram poucos os jornalistas surrados e assassinados por espiões a mando dos poderosos. A elas explora a nossa homenagem neste "Se

As comemorações em torno do sesquicentenário do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1977) propiciaram a publicação de novas obras a respeito da história da imprensa rio-grandense. Um desses trabalhos foi “Imprensa gaúcha: 150 anos” de Gabriel Borges Fortes³², no qual o autor emprega uma abordagem descriptiva, destacando o histórico de alguns jornais como forma de homenagem à data em comemoração. Assim, ele segue o tradicional modelo de historiar as origens da imprensa gaúcha, a primeira tipografia e o primeiro jornal, a localização e os responsáveis pelo mesmo. Partindo do *Diário de Porto Alegre*, descreve as características formais dos primeiros

³² FORTES, Gabriel Pereira Borges. *Imprensa gaúcha: 150 anos*. Porto Alegre: SAMRIG, 1977. p. 4-17. Essa publicação foi feita pela S.A. Moinhos Rio-Grandenses, que inaugurara, desde 1971, a prática de publicar junto a seus relatórios, uma obra que servisse à divulgação de manifestações artístico-culturais rio-grandenses; assim, em 1977, repetia a atitude, explicando seus propósitos: Este ano, em que se comemora o sesquicentenário da imprensa gaúcha, nada mais lógico e justo do que a Samrig valer-se deste seu já tradicional elo de comunicação com os mais diversos e representativos setores da comunidade rio-grandense para prestar uma pequena homenagem a esta bela e comovente história da afirmação e consolidação de nossa imprensa. O gaúcho Gabriel Pereira Borges Fortes nasceu em Venâncio Aires, tornando-se bacharel em Direito, atuou como advogado e juiz em diversas cidades do Rio Grande do Sul; lecionou no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; membro do Círculo de Pesquisas Literárias; teve projetos mais amplos de escrever a história da imprensa no Rio Grande do Sul. Dados obtidos a partir de: Relatório Samrig, 1977. p. 22.

periódicos da província, existentes durante o período que antecedeu a Revolução Farroupilha.

Sem apontar um referencial explicativo à seleção dos jornais, a narração do escritor dá um “salto” cronológico, passando da descrição dos primitivos periódicos rio-grandenses para aqueles do final do século XIX. O autor refere-se também às folhas mais antigas, ainda circulando no estado, à importância de *A Federação* e do *Correio do Povo*, além de duas revistas, a *Revista do Globo* e a *Província de São Pedro*. Gabriel Borges Fortes destaca o valor histórico da imprensa e se contradiz, ao considerar inconveniente o simples arrolamento de jornais, atitude que toma na maior parte do texto, além de reafirmar seus objetivos “comemorativos”, com aquele trabalho. O autor explana que deveria ser ressaltada a grande valia do jornal para os estudos históricos, como o da política e de variados fins culturais e, especificamente quanto ao seu ensaio, explica que não haveria espaço para mencionar todos os periódicos e as revistas, infelizmente, mesmo por ser inconveniente apenas enumerá-los, destacando finalmente que seu trabalho era um homenagem a toda a imprensa do Rio Grande do Sul pelo transcurso do sesquicentenário da fundação do seu primeiro jornal³³.

Trecho do texto

Não se passara ainda um século da fundação do Rio Grande luso-brasileiro, e a pequena Porto Alegre há bem pouco tempo assumira a categoria de cidade, quando aqui

³³ FORTES. p. 14-15.

circulou seu primeiro jornal, o *Diário de Porto Alegre*, cujo número inicial apareceu a 1º de junho de 1827. (...)

Não se encontrou prospecto de apresentação do jornal ao público, informando sobre a orientação que seria seguida. No primeiro número também não disse a que vinha. Através dos números conhecidos, verificou-se a incontestável influência oficial. De qualquer forma o *Diário de Porto Alegre* abriu caminho para a atuante e vigorosa imprensa pré-farroupilha, como do período revolucionário. Esse o nosso primeiro jornal, cujo sesquicentenário transcorreu a 1º de junho do corrente ano. (...)

Ressalte-se ainda a grande valia do jornal para estudos históricos, como o da política e de variados fins culturais. A exata compreensão dessa relevância levou à criação do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, que já conta com valioso acervo e merece todo o apoio da comunidade. Medida acertada e louvável foi também a sua localização no antigo prédio de *A Federação*. (...)

Não haveria espaço, é claro, para mencionar todos os periódicos e as revistas, infelizmente, mesmo por ser inconveniente apenas enumerá-los. Mas este trabalho é uma homenagem a toda a imprensa do Rio Grande do Sul pelo transcurso do sesquicentenário da fundação de seu primeiro jornal.



Outro trabalho publicado em 1977, por ocasião do sesquicentenário do *Diário de Porto Alegre*, foi um livro sobre a imprensa rio-grandense entre 1827 e 1852, escrito por Lourival Vianna³⁴. No “Prefácio”, o autor define sua meta de pesquisa e chega a expressar sua ideia a respeito de um método de investigação. Nessa linha, destaca que o objetivo pretendido com o trabalho era o de traçar um esboço dos primeiros 25 anos da imprensa rio-grandense, definindo-lhe tendências, características e história, com ênfase especial para o *Diário de Porto Alegre*. O autor explicita ainda que o critério adotado para o levantamento de material fora, em essência, a consulta às fontes – os próprios periódicos, sempre que possível, esclarece – e aos trabalhos de pesquisa nessa área já publicados. Explica assim que o passo inicial fora o manuseio dos originais disponíveis no contexto gaúcho, com o registro de todos os dados que dali pudessem ser retirados no interesse da perfeita identificação do periódico em exame. Informa que, concomitantemente, procedera, nessa mesma etapa, ao inventário de toda e qualquer referência que se fizesse a outra publicação da época que se editava no estado e, uma vez vencido esse estágio do trabalho, passava, aí

³⁴ VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1977. Lourival Vianna, gaúcho de Taquari (1931), tornou-se bacharel em Letras Clássicas; professor de Português e jornalista, atuou muitos anos no *Correio do Povo*; jornalista concursado do estado, trabalhou como pesquisador no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Dados obtidos a partir de: FELIZARDO, Joaquim José. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 8 out. 1977.

sim, à coleta das informações contidas nas monografias, artigos e demais publicações sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul³⁵.

Com base nessas atitudes, Vianna pretende comparar os dados “diretos” com os “indiretos” no intento de realizar uma revisão de algumas das asserções até então realizadas sobre a imprensa, de modo a prestar mais uma “contribuição” às comemorações daquela data. Assim, ele realiza uma série de observações a respeito do *Diário de Porto Alegre*, notadamente quanto ao seu caráter oficial, à origem, ao redator, à localização e às características tipográficas. A partir daí, o texto é dividido em segmentos independentes, sendo destacados: a periodicidade dos jornais, com o predomínio dos bi e trissemanais; o formato, prevalecendo os de tamanho diminuto; o conteúdo, com a preponderância da opinião e das discussões políticas; o processo da notícia, abordando as barreiras enfrentadas pelos jornais gaúchos na obtenção das informações; e os meios de subsistência, descrevendo as amplas dificuldades dos responsáveis pelos periódicos em manterem os mesmos circulando. Finalmente, o autor organiza um catálogo dos jornais rio-grandenses publicados entre 1827 e 1852, no qual ele busca oferecer os elementos que considera como “dados essenciais”, como a periodicidade, o formato, o tempo de existência, a linha editorial e a redação.

Ao abordar a produção histórica a respeito da imprensa rio-grandense, Lourival Vianna considera-a ainda pouco elucidativa, ressaltando que a história do primeiro quarto de século da imprensa no Rio Grande

³⁵ VIANNA. p. 13.

do Sul, a despeito do esforço de uns poucos, mas denodados, pesquisadores, continuava ainda marcada de pontos nebulosos ou absolutamente obscuros. Segundo ele, a falta de documentação, o desencontro de informações dos primeiros estudiosos, a dificuldade de acesso ao material pertencente a particulares, importante para a elucidação de alguns problemas, eram algumas das causas a contribuir para que, chegados ao sesquicentenário de aparecimento da imprensa no estado, não se tivesse ainda uma visão cabal, definitiva e perfeitamente clara de sua trajetória ao longo daqueles 150 anos³⁶.

Trecho do texto

O objetivo pretendido com este trabalho é o de traçar um esboço dos primeiros 25 anos da imprensa rio-grandense, definindo-lhe tendências, características e história, com ênfase especial para o *Diário de Porto Alegre*, que, com o seu 1º número (1º/06/1827) assinala o início do jornalismo no estado.

O critério adotado para o levantamento de material foi, em essência, a consulta às fontes (os próprios periódicos, sempre que possível) e aos trabalhos de pesquisa nessa área já publicados. O passo inicial, nesse particular, foi o manuseio dos originais disponíveis em nosso meio, com o registro, então, de todos os dados que dali pudesse ser retirados no interesse da perfeita identificação do periódico em exame. Ao mesmo tempo, procedemos, nessa mesma etapa, ao inventário de toda e qualquer referência que se fizesse a outra publicação da época que se editava no estado.

³⁶ VIANNA. p. 25.

Vencido esse estágio do trabalho, passamos, aí sim, à coleta das informações contidas nas monografias, artigos e demais publicações sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul. A relação completa das obras consultadas integra a bibliografia deste opúsculo.

A partir daí, inicia-se a parte mais importante do trabalho, que é o cotejo das informações obtidas na consulta direta aos periódicos da época e daqueles que recolhemos nas publicações anteriores sobre a história da imprensa riograndense. Essa comparação de dados – diretos e indiretos (estes recolhidos em referências bibliográficas) – é que nos ensejou a oportunidade de retificar com segurança, algumas informações que se vêm repetindo de obra para obra ao longo da cronologia da publicação de trabalhos sobre a imprensa gaúcha.

Esta é, em síntese, a sistemática adotada nessa pesquisa que visa a oferecer mais uma contribuição às comemorações do sesquicentenário da imprensa no Rio Grande do Sul. (...)

A história do primeiro quarto de século da imprensa no Rio Grande do Sul, a despeito do esforço de uns poucos mas denodados pesquisadores, continua ainda marcada de pontos nebulosos ou absolutamente obscuros. A falta de documentação, o desencontro de informações dos primeiros estudiosos, a dificuldade de acesso ao material pertencente a particulares, importante para a elucidação de alguns problemas, eis algumas das causas a contribuir para que, chegados ao sesquicentenário de aparecimento da imprensa no estado, não tenhamos, ainda, uma visão cabal, definitiva e perfeitamente clara de sua trajetória ao longo desses 150 anos. (...)

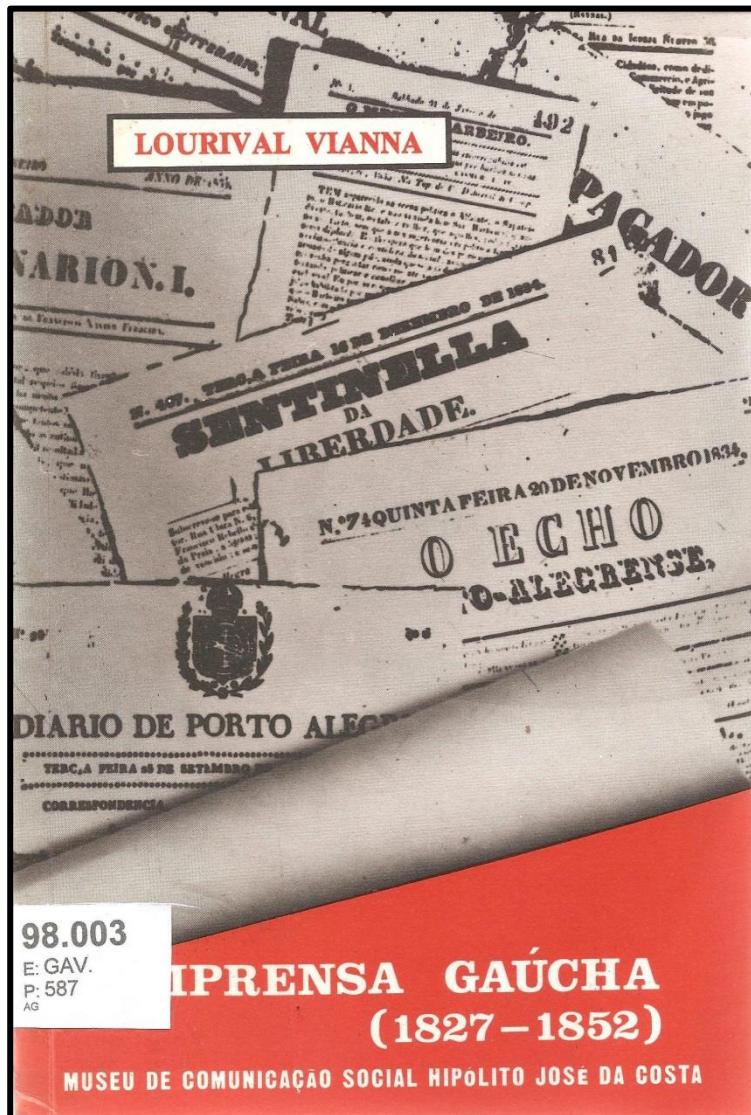
Essa história dos primeiros 25 anos da imprensa gaúcha é o que pretendemos reconstituir no ano em que se comemora o sesquicentenário de sua existência. Aspectos como periodicidade, formato das publicações, conteúdo, meios de subsistência e outros serão abordados em tópicos

especiais, ficando, para o final, a relação dos títulos, com as observações disponíveis e consideradas essenciais para sua tanto quanto possível perfeita identificação. (...)

Os jornais dos primeiros 25 anos da imprensa sul-rio-grandense tinham escassa matéria de redação. E quando a possuíam, via de regra, o era em tom polêmico, para rebater críticas de adversários ou formular-lhes acusações. Um jornalismo dominado pelas paixões políticas. Pouco ou nenhum espaço se reservava à divulgação de notícias sobre a vida da comunidade. Dominavam suas colunas as publicações oficiais, as chamadas “correspondências” (cartas de leitores), as transcrições e os pequenos anúncios (...). Notícias, mesmo, se cingiam, em alguns, à chegada ou saída de navios ao porto do Rio Grande.

O trabalho do redator, como se pode perceber, era quase nenhum nesses jornais dos primeiros tempos. As publicações, de reduzidas dimensões, tinham seu pouco espaço ocupado por matéria que dispensava elaboração na redação. O redator, assim, era mais um organizador do material, um “diagramador” ou “editor”, se se pudesse dizer assim, usando a linguagem jornalística de hoje. O que marcava a sua presença e sua atuação era, em síntese, a veiculação de matérias editoriais, verdadeiros artigos, normalmente de resposta a críticas endereçadas ao jornal ou a pessoas que o apoiavam ou lhe eram politicamente simpáticas. Nesse mister, os textos se notabilizavam, em essência, por sua linguagem violenta e polêmica, bem de acordo com o clima de efervescência política que vivia o Rio Grande do Sul àquela época. (...)

Evidentemente sem os recursos auxiliares mecânicos ou eletrônicos, que depois viriam contribuir para o aceleramento do processo da notícia (...), os jornais desse tempo enfrentavam toda sorte de dificuldades para alcançar, como produto final, uma publicação que refletisse, com bastante atualidade, a vida e os acontecimentos da comunidade e, em especial, do país e do mundo.



Quase uma década depois, em 1986, por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução Farroupilha, seriam reunidos alguns dos escritos de Abeillard Barreto acerca da história da imprensa rio-grandense. Tratava-se de uma sistematização dos originais deixados pelo escritor e publicados de forma póstuma. Em seus *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*, o historiador aborda os vários jornais que circularam nas mais importantes cidades do Rio Grande do Sul, ou seja, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, entre as décadas de vinte e quarenta do século XIX. Sua maior preocupação foi a de realizar um arrolamento dos periódicos, mas não deixou de tomar o cuidado de inseri-los no contexto histórico em que circularam, caracterizado pelo processo de preparação, gênese, aprofundamento e sequelas relacionado à Revolução Farroupilha³⁷.

³⁷ BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986. Abeillard Vaz Dias Barreto (1908-1983) era rio-grandino e foi funcionário de carreira do Banco do Brasil; dedicou-se com extremo zelo à coleta de fontes históricas, com as quais montou um arsenal de documentos imensurável sobre a história gaúcha; dirigiu e reorganizou a Biblioteca Rio-Grandense; pertenceu aos Institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Brasileiro, e do Uruguai e ao Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos. Dentre a sua produção intelectual destaca-se o clássico “Bibliografia Sul-Rio-Grandense”, obra sem precedentes sobre o tema abordado; publicou também “Fontes para o estudo da história da ocupação espanhola do Rio Grande do Sul”, “A ocupação espanhola no Rio Grande de São Pedro”, “A expulsão dos espanhóis do Rio Grande de São

Grande conhecedor da produção bibliográfica existente acerca dos mais variados elementos constitutivos da sociedade sul-rio-grandense, em artigo publicado no periódico *Rio Grande*³⁸, Barreto observa a urgente necessidade de um trabalho que sistematizasse as informações existentes e os escritos já realizados sobre a imprensa rio-grandense. Nesse sentido, o próprio autor destaca que a história da imprensa no Rio Grande do Sul ainda não fora completamente escrita, uma vez que, afora os trabalhos, “sem dúvida valiosos”, de Alfredo Ferreira Rodrigues, Coronel Tancredo F. de Mello, Dr. João de Oliveira, J. J. Cezar e Dr. João Pio de Almeida, pouquíssima coisa, aqui ou ali, seria digna de

Pedro”, “A expedição de Silva Paes e o Rio Grande de São Pedro”, “A opção portuguesa: restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento”, “A Colônia do Sacramento: aspectos náuticos da fundação e defesa”, “As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul” e “Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul”. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 68. e VILLAS-BÔAS p. 52.

³⁸ Esse jornal circulou na cidade do Rio Grande entre 1913 e os anos 1990, tendo por diversos anos a configuração de órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, mais tarde do Partido Republicano Liberal e depois intentou aparecer como uma folha essencialmente noticiosa e voltada aos interesses locais (ALVES, Francisco das Neves. *Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 83-84.). O artigo de Barreto foi publicado em uma edição especial do periódico, alusiva ao centenário da elevação da localidade do Rio Grande à categoria de cidade.

nota³⁹, de modo que sua pretensão seria colaborar nesse processo de construção histórica.

Desse modo, os estudos do historiador versando sobre a imprensa gaúcha, vieram a público, pela primeira vez, em tal artigo publicado no jornal *Rio Grande*, no qual ele tratou da evolução do jornalismo em estudo, desde as suas origens até o fim da monarquia⁴⁰. Barreto desenvolve nesse ensaio um copioso e profícuo trabalho de pesquisa histórica, levantando fontes documentais e bibliográficas sobre o assunto em foco, juntando através de recortes e anotações manuscritas e datilografadas praticamente tudo que se havia estudado sobre o jornalismo até então, assim como por meio de seus levantamentos a respeito dos próprios jornais que circularam pelo Rio Grande do Sul e com os quais ele tomou contato⁴¹.



³⁹ BARRETO, Abeillard. A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. *Rio Grande*, 27 jun. 1935. p. 4.

⁴⁰ BARRETO, 1935. p. 4-5.

⁴¹ BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Rio Grande do Sul (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--]; BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Rio Grande (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--]; e BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Pelotas e Porto Alegre (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--].

RIO-GRANDE, 27 DE JUNHO DE 1945

A Imprensa Do Rio Grande Do Tempo Do Imperio

Especial para o RIO GRANDE por Abeilla d Barreto

VI. Por decreto de 13 de maio daquele ano, era criada a «Impressão Régia», donde saíram, sucessivamente, diversos folhetos e obras, hoje raríssimos, para, mais tarde, a 10 de setembro, aparecer o primeiro jornal impresso, a «Gazeta do Rio de Janeiro».

A imprensa no Rio Grande do Sul

O empreendimento, como é curial e «pour cause», teve, logo em seguida, imitadores. Já a 14/5/1811, aparecia o primeiro periódico da Bahia, «Aidade d Ouro do Brasil», vindio, após, Pernambuco, com o «Aurora Pernambucana» (27/3/1821), Maramão, com o «Aurora Ouro-Preto», com o «Paraense» (março 1822), Minas Gerais, com o «Concordador» (10/11/1821), Pará, com o «Paraense» (março 1822), Minas Gerais, com o «Compilador Mineiro» (13/10/1823) e São Paulo, com o «Farol Paulistano» (7/2/1827).

O «Diário de Porto Alegre» é o primeiro jornal do Rio Grande do Sul. Iniciava a publicação a 10 de junho de 1827, em formato 29 x 18, maior um pouco que o do «Jornal do Comércio», cuja edição «príncipe» seria, juntamente de quatro meses depois. Sete outros periódicos seguiriam a rotina do «Diário», até que se estabelecesse.

A imprensa do Rio Grande

Dois épocas, verdadeiramente distintas, viveu a imprensa local, nos seus primórdios. A primeira, até 1843; a segunda, de 1845 a 1855, ocasião em que, verdadeiramente, pôde ela estabilizar-se, mantendo-se os jornais então existentes por longos anos e obedecendo a orientação mais ou menos uniforme.

Como em toda a parte, e salvo uma ou outra exceção, todos os pequenos periódicos de curta duração, que houve, eram verdadeiros satélites dos maiores, servindo aos interesses pessoais dos diretores ou redatores destes.

É de notar, entretanto, que o Rio Grande teve, sem dúvida, o mais importante papel que coube à imprensa da Província, no segundo quartel do século passado; e, não só a prioridade lhe cabe na edição simultânea de dois diários, como também, como iremos ver, a doutrina que expediavam refletia-se no próprio Rio de Janeiro.

Aliás, também digno de nota é o fato de se terem mantido aqui, por não pequeno espaço de tempo, os jornaços que maior vida tiveram em nossos Estados: o «Diário do Rio Grande» e o «Echo do Sul».

Na capital, Minas, aqui aportado a 13 de novembro de 1821, — por feliz coincidência, o dia da inauguração dos serviços de gaz de que se fala — como observou interessante para o trabalho que tinha em mente publicar, 4) «possuir a pequena cidade de 17.909 habitantes cinco jornais diários».

Em princípio de 1831, estabelecia-se a primeira tipografia no Rio Grande, Francisco Xavier Ferreira, cujo nome, mais tarde, iria ser de tão grande relevo, logo a fumou.

Pessoas interessantíssima, veiu, o «Chico da Botica» ou o «Ilo Chico», como o chamavam os moços, em condições especiais para o Rio Grande. Português de nascimento, terceiro a ser deportado do Rio de Janeiro por dez anos, em virtude de sua criminosa apresentada por seu padrinho. Aqui acostumou-se a adotar a nomenclatura brasileira, logo após a independência, da «Cidade Deleitora da Liberdade e Independência Nacional», de que foi o primeiro presidente. Antes, já fizera parte da junta governativa da Província, que a administrava, ao período de 23/2/1822 a 8/3/1824. Eleito, mais tarde, deputado à Assembleia Provincial de 1826/27, fez também parte da primeira Assembleia Provincial, onde foi escolhido presidente. Teve, então, oportunidade de propor a elevação das vilas de Rio Grande e São Francisco de

Paula à categoria de cidade, esta já com o nome de Pelotas.

Estabelecida a tipografia, iniciou ela imediatamente os serviços: a 23/4/1831, aparecia um folheto, o mais antigo de que há notícia — «Hymno que se canta na noite de 24 de outubro, pela feliz notícia da gloriosa elevação do Sr. D. Pedro II ao trono do Brasil», por F. X. F. Era a nova de 7 de abril, que tão profundamente abalou a sociedade brasileira, chegando ao Rio Grande.

Da mesma tipografia, algum tempo decorrido, surgiu

1) «O Noticiador», que iniciou sua vida a 3/1/1832. Jornal político, literário e mercantil, «subscrevia-se para esta loja, a 4500 reis por semestre, pagos aeadantados». Os numeros avulsos vendiam-se a 80 reis e apareciam às segundas e quintas-feiras.

O Dr. Guilherme José Corrêa, médico, foi quem primeiro o redigiu. Espírito culto, mas fervoroso adepto do partido retrogrado, a que era contrario Xavier Ferreira, desaviam-se os sócios, assumindo este último, do n. 21 em diante, a direção do jornal.

O padre Bernardo José Viegas colaborou, então, com o novo diretor, tornando «O Noticiador», aos poucos, um papel importantíssimo.

O formato 38x29, que tinha, era padrão na época. Mas, a queação da feição, contrapunha-se a elevação de seu artigo, um dos maiores, publicado em o n. 11, de 4/2/1833, com o título «Circunspectão nos escritos», recita, ainda hoje, ser reproduzido.

«O Noticiador» desapareceu em 17/11/35, depois de, por motivos políticos, ter estado suspensa a publicação, desde 5 até 27 de outubro do mesmo ano.

No Arquivo Público do Estado, existe uma coleção quasi completa deste jornal.

2) «Observador» — A 8 de Março de 1832, retirava-se o Dr. Guilherme José Corrêa d' «O Noticiador». Não tendo queda para a imprensa, gostava, entretanto, de suas horas de assento, cogitou logo da fundação de outro periódico, também com oficinas próprias.

Apareceu, por 1º de outubro daquele ano, «O Observador», jornal político, literário e mercantil, também com o formato 32 x 22, estendeu a publicação até Março de 1835, editando-se, primeiramente, às segundas e quintas e, mais tarde, às quartas e sábados.

Não teve senão pequena importância na vida local e o reduzido número de exemplares, existentes no Arquivo Público do Estado, não permite que se lhe trace a história com maiores detalhes.

3) «Folha Mercantil» A «Folha Mercantil» da Vila do Rio Grande do Sul na Província de São Pedro, e, mais tarde, sómente «Folha Mercantil», ocupa, sem recurso de contestação, o terceiro lugar na cronologia da imprensa do Rio Grande.

O limitado espaço de que dispomos, não nos permite justificar esta assertão. Estudos a que procedemos, levaram-nos a tal conclusão, embora para ela não nos seja possível invocar, na precedencia, a autoridade dos historiadores já mencionados.

O certo é que é de 1833 que a «Folha Mercantil» deve ter seu número «príncipe» com as datas de 24/7 ou 24/9/1833. Saindo às terças e sextas-feiras e, desaparecendo ao ocaso de 1835, foi substituída pelo «Mercantil do Rio Grande», também do mesmo redator — Sábio Antônio de Souza Nictéther.

Não se conhece, atualmente, nenhum número deste jornal.

4) «Propagador da Indústria Rio-Grandense» — «Le travail est l'âme du siècle» sans lui tout prospère par lui tout prospère». Este o lema do economista francês Blanqui, adotado como divisa do «Propagador», que editou-se de 30/1/1833 até 8/3/1844.

Em relação à época, foi o «Propagador» o melhor jornal que já teve o Rio Grande. Fundou-o, obedecendo a preceitos regulamentares da Sociedade Promotora da

A Imprensa Do Rio Grande No Tempo Do Império

o formato aumentado—22 x 45, João Espírito Santo Araújo foi seu redator desde 17/7/1847 até 27/1/1848, isto por terem brigado Perry e Caetano, que passou a ser administrador do jornal. No ano de 1847, começaram a circular os primeiros periódicos de São Paulo, os salabades. Sendo Espírito-Santo, o advogado Antônio Honório Martins Vilela, assumiu-lhe a redação e, mais tarde, a 13 de fevereiro do mesmo ano, a direção e administração. José Antônio de Andrade também o redigiu por algum tempo—de 17/7/1847 até 1/3/1850, e só a 16 de setembro desse último ano é que Bernardino Berlinck o adquiriu.

Impresso uma nova e grande folha ao jornal, Berlinck instaurou ele mesmo obstante morrer paupérissimo, na madrugada de 12 de janeiro de 1858, vitimado por «angina-peitoralis». Com o proprietário sepultou-se a propriedade—O «Rio Grandense» não mais apareceu.

3—Voz da Verdade—Folha política e comercial. Deve ter começado a publicação em outubro/novembro de 1843 e ido até 1846 (?). Impriu-se na tipografia de Nictheroy, com o formato 28 x 18, aparecendo quanto vez por mês, em dias indeterminados.

4—Revista do Sul—Periódico de extrema duração. Dirigiu-o Cândido Augusto de Mello durante todo o tempo, em meados de 1846, sendo substituído pelo

5—Correio de Anúncios—o primeiro diário fundado no Rio Grande e que via a luz da publicidade no ano de 1846. Tornando-se folha política em janeiro de 1847, só se manteve até julho (?) do mencionado ano.

12—Telegrapho—Segundo jornal diário, existiu de dezembro de 1846 até meados de 1847.

13—Continente—Subscrevia-se no «Rio-Grandense», de que era um suplemento comercial; deu-se sua aparição a 23/7/1847, mas, em setembro do mesmo ano, com a transformação daquele em tri-semanário, não mais foi publicado.

13—Nova Época—Substituiu o «Correio de Anúncios», de agosto de 1847, editando-se até fevereiro do ano seguinte.

14—O Corisco—Folha em prosa e verso, à venda no «Rio-Grandense», ao preço de oitenta réis. O primeiro número, e cremos que único, apareceu no dia 28 de outubro de 1847.

E o próximo jornal publicou que, devido em pouco, não ter uma verdadeira coorte de militantes.

15—Mentiroso—O primeiro do nome. Apareceu em revide ao anterior, logo após.

16—Filho do Mentiroso—Equivalente, parece-nos, ao primeiro número ao segundo do «O Corisco». Também em «prosa e verso», à oitenta réis, publicou-se no mesmo ano de 1847, de 28 de outubro, até 1848, mas, só quando convinha aos interesses do redator.

17—Seminário Recreativo e Moral—O primeiro dia do ano de 1848 foi o escolhido para a entrada desse periódico na liga jornalística; é destacável seu evento, por ser a primeira tentativa feita no Rio Grande, na imprensa literária, exclusivamente. Por isto mesmo, parece-nos, redigiu-se em fracasso; outo números, o último com data de 8 de março, compõem a coleção desse seminário, publicado em dias indeterminados, ao preço de 100 réis cada exemplar.

18—O Museu Litterario e Recreativo—Ao jornal relacionado anteriormente, que contrapõe-se ao «Museu» (sic), que, pelo visto, não muito pouco de literatura.

Tres números, sómente conseguiram aparecer, em hora de 1848, quando ao preço de \$34, os de 12, 29 e 23 de fevereiro de 1848.

21—Noticiador—De 1º de março de 1848 a Agosto do mesmo ano, publicou-se o segundo «Noticiador», que

33—Diorama—A 17 (?) de maio do mesmo ano, saiu o primeiro número que poderia ser único, do «Diorama». A proximidade de nome e a proximidade da época de aparecimento, levam-nos a acreditar nos propósitos antagônicos desse ao seu contemporâneo.

34—Estrela do Sul—Periódico comercial; iniciou sua publicação a 20 de junho de 1848, reaparecendo em 7 e 21 do mês seguinte, sómente. O dr. João de Oliveira, em trabalho «publicado aliures, diz, não obstante, que este é primo do «Diorama».

35—Rosa Brasileira—A respeito deste jornal, cujos três únicos números constam da hemeroteca da «Biblioteca Rio-Grandense» interessante, é resumir-se-lhe a história. Cândido Augusto de Mello, de quem já falamos acima, homem letrado, mas perdidamente associado ao piloto Joaquim Lopes da Costa Albuquerque, natural de Pernambuco, e com ele se associou, em 1/3/1851, o primeiro número do jornal «de recreio e instrução», para o qual招imaram «artigos científicos, publica dicas gravitantes». O piloto, no entanto, aceitando a incômoda da relação, julgou mais fácil publicar como seus trabalhos de outros, assim encenando os dois primeiros números. O «Diário do Rio Grande» estragou, porém, tudo, estampando, ao lado dos textos da «Rosa», produções aparecidas no «Académico de Recife», de onde, principalmente, eram leitos os plágios. Ainda assim, o terceiro número do jornal veio a lume, explicando e condenando a «feia ação» que impingiu novos plágios, os mesmos, sómente assinados por Albuquerque.

36—Imprensa—Merce registro especial éste periódico «de recreio, instrução e de notícias», publicado uma vez por semana, de 38/4 a 19/10/1851, pelo fato de ter sido o primeiro do Estado que a uma senhora redigiu. Substituindo o título da «Rosa», Mello andou à cata de pessoa habil para o encargo, encontrando-a em D. Joânia Paula Mansos Noronha, professora do «Salão Literário» e que, por anúncios desse colégio e pela leitura do jornal, deve ter sido mulher de cultura invulgar para a época.

37—Carijo—Pedro Bernardino de Moura e Moura Carijo, que sera, mais tarde, o fundador do «Eco do Sul», iniciou sua vida jornalística no Rio Grande, com este jornal. Fê-lo aparecer a 21 de agosto de 1853, em dias indeterminados, uma ou mais vezes na semana. O n.º 1, que vinha tem no cabeço, uma cartola, sendo seu formato 33 x 25. O «periódico analítico e recreativo», como se intitulava, desapareceu a 25 de fevereiro de 1854. Entretanto, a 17 de dezembro desse mesmo ano, ainda saiu um número, único aliás. Consta que na redação do «Eco do Sul» existiu uma coleção completa do «Carijo».

38—Imprensa—Segunda fase, iniciada a 7 de maio de 1855 e terminada a 18 de dezembro do mesmo ano, com o n.º 62. Já se publicava, ali, às segundas e sextas feiras.

39—O Povo—Órgão liberal. Fundado a 18 de dezembro de 1855, estendeu sua publicação até 1860 (?) Foi um dos mais brilhantes jornais que o Rio Grande já possuiu. Organizada a empreza com o quasi exclusivo propósito de defender os interesses locais, principalmente na questão pertinente ao colera morbus, foi tal a celeuma que levantou, que os governos se viram obrigados a atender às justas reclamações do Rio Grande, cujo povo estivera entregue, por tempos, à sua própria sorte. Redigiram-no, na época e depois, o tenente da Armaada José da Costa Azevedo, mais tarde Barão de Laranjo, Dr. Emílio Valentim de Barros, Abel Pires de Oliveira, e Constantino Jardim, além de outros. E' justo que o Rio Grande conserve a memória de tais patriotas, juntamente com a de Zalony, pois, enquanto era este a seu predecessor, eram aqueles o conselho prudente e o anatema político da localidade. Exemplares desse jornal são hoje raríssimos; o nosso ilustre patrício sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, não obstante, possue sua coleção quasi completa.

Terminam assim os estudos. Isso de que se fala.

Como lembra Sérgio da Costa Franco, o historiador rio-grandino, ao longo da vida, desenvolveu como *hobby* a pesquisa bibliográfica e histórica, tendo-se tornado, à custa da pertinácia, contração ao trabalho e seriedade intelectual, o maior entendido em bibliografia de assuntos sul-rio-grandenses. Nessa linha, Abeillard Barreto fora um “incansável trabalhador da cultura” e, mesmo depois do grande sucesso de sua *Bibliografia Sul-Rio-Grandense*, acolhida com gerais aplausos, não se deteve em suas pesquisas, voltando os olhos para a metodização de um assunto que sempre o atraíra: a história da imprensa nos primeiros anos do jornalismo gaúcho, quando vigorosamente refletiu a polarização política do período que precedeu e que testemunhou a Revolução Farroupilha. Como resultado, surgiram os originais de seus *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*, obra na qual continuou refletindo a sua cautela no armazenar e sistematizar informações⁴².

Ao buscar estabelecer um contexto para o desenvolvimento da imprensa gaúcha, em seus primeiros decênios de existência, Barreto utiliza-se de um componente intrinsecamente atrelado à evolução do jornalismo, ou seja, a legislação de imprensa, a qual, menos ou mais coercitiva, de acordo com o quadro de estabilidade/instabilidade político-institucional pelos quais passou o país, exerceu decisiva influência sobre os rumos das lides jornalísticas, uma vez que, a partir das leis de imprensa, e as possibilidades maiores ou menores de exercer-se o direito de expressão, os jornais poderiam manifestar-se mais abertamente (com ou sem riscos), ou

⁴² FRANCO, Sérgio da Costa. Apresentação. In: BARRETO. 1986. p. 1.

ainda, muitas vezes, foram obrigados a expressar suas ideias de modo mais velado, ou, mais drasticamente, silenciar, nos momentos de cerceamento ainda maior.

Nessa perspectiva, Abeillard Barreto explica que, à medida que evoluíam as práticas jornalísticas no país, natural e proporcionalmente, desenvolvia-se uma respectiva forma de controlar o discurso emitido a partir da imprensa. Segundo ele, quando em 1827, apareceu o primeiro jornal no Rio Grande do Sul, a legislação brasileira sobre liberdade de imprensa ainda engatinhava e era, mesmo, muito contraditória, por visar menos a ela que a censura ditada em contrapartida. Nesse contexto, afirma que, quando da liberação e introdução das atividades tipográficas no Brasil, à época joanina, juntamente se organizara um órgão para examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes. Na interpretação do autor, essas medidas não eram satisfatórias a qualquer das partes em jogo, de modo que as regras viriam a ser alteradas em 1821, estabelecendo-se novas formas de controle, para impedir que se abrisse a porta à libertina dissolução no abuso da imprensa⁴³.

O escritor destaca também as medidas liberalizantes para a imprensa, a partir das ideias emanadas de Portugal, ainda em 1821, por ocasião da Revolução do Porto, o que contrastava com o clima agitado politicamente que marcava a transição que levaria à formação do Estado nacional brasileiro. De acordo com esse ambiente, Barreto declara que a agitação política prévia à independência, que já

⁴³ BARRETO, 1986. p. 7.

começava a dividir os brasileiros natos do elemento português, o qual persistia em se manter fiel ao país de origem, tornava inexequíveis os ensaios de legislação pertinente, não só por indefinição formal dos preceitos, como também pelo modo aleatório com que as penalidades eram até então definidas⁴⁴.

A partir da fundação do Estado nacional, o autor destaca que uma das preocupações dos legisladores brasileiros permaneceu ligada à questão da imprensa, tema recorrente na Assembleia Constituinte, lembrando a urgência de elaborar-se um projeto de lei dispendo sobre a liberdade de imprensa como princípio invulnerável, salvo nos casos ali previstos e que a tornassem inoperante, conforme preceitos devidamente codificados. Barreto faz referência à dissolução da Assembleia, o que levaria a efetivar-se uma lei de imprensa sob a forma de decreto, em 1823. Mesmo que, posteriormente, a constituição viesse a garantir a plena liberdade de imprensa, ressalvava que os abusos deveriam ser apurados de acordo com uma legislação complementar, a qual, como enfatiza o historiador, custou a ser elaborada, fazendo com que o imperador se manifestasse algumas vezes, cobrando providências do Legislativo, ainda mais em um momento histórico de conturbação, como passara a tornar-se o período final do I Reinado⁴⁵.

Essa carência de uma legislação complementar, no comentário de Abeillard Barreto, viria a ser satisfeita com uma lei de imprensa de setembro de 1830, a qual descia às minúcias, sobre as transgressões possíveis,

⁴⁴ BARRETO, 1986. p. 7-8.

⁴⁵ BARRETO, 1986. p. 8-10.

prescrevendo-se também as penas, pecuniárias e de prisão, em cada caso. Pouco depois, os crimes de imprensa passariam a ser julgados de acordo com os ditames do Código Criminal do Império, instituído a partir de dezembro de 1830. No que tange a essa legislação, Barreto destaca que praticamente, salvo em cinco ou seis casos, em Porto Alegre, de jornais que se publicaram antes de 1830, toda a imprensa dali, e da cidade do Rio Grande, no segundo quartel do século XIX, fundou-se e viveu sob tal égide. O historiador, ainda sobre a mesma temática, lembra que, durante a revolta no Rio Grande do Sul, nada foi inovado pelos revolucionários farroupilhas, eis que no projeto de constituição da república rio-grandense, a determinação quanto à imprensa reproduzia quase *ipsis litteris* o texto da lei magna do Império⁴⁶.

A seguir, Barreto passa a traçar um outro contexto, correlato a esse da legislação, relacionado ao acentuado contorno político-partidário do jornalismo brasileiro, na transição do I para o II Reinado, com destaque para o Rio Grande do Sul, onde se acirravam as disputas, em um caminho sem volta em direção à guerra civil. De acordo com isso, afirma o autor que tinha sua razão de ser essa preocupação constante quanto aos abusos que se verificavam nos jornais que proliferavam no país inteiro, sobretudo quando se tornaram mais profundas as diferenças entre os que mantinham as duas posições adversas. Quanto a tal partidarismo do jornalismo, o escritor destaca ainda que, à época da gênese do jornalismo gaúcho, não poderia a imprensa local deixar de amparar-se em um ou outro partido,

⁴⁶ BARRETO, 1986. p. 11-12.

quase sempre com compromissos panfletários, facilitados, aliás, pela intolerância política⁴⁷.

No que tange à agitação político-institucional do período das regências e os seus reflexos junto ao jornalismo, Abeillard Barreto explica que tal momento histórico foi deveras conturbado em matéria de imprensa, antes ou depois da morte de D. Pedro I, com a qual deveria ocorrer um arrefecimento da luta periodística, se não fosse as já engajadas diversas correntes políticas em que se dividia a opinião pública, com preponderância da facção liberal, cuja esquerda se insuflava com elementos alienígenas de grande atividade. Nessa linha, o historiador, a respeito das diferentes frentes em conflito, enfatiza que, se feito o levantamento mais acurado de suas atividades, iria ser encontrada entre os propósitos de todas elas, a publicação e a manutenção de jornais essencialmente políticos, concorrendo para extremar a luta periodística e, consequentemente, para maior divisão da população local. De acordo com esse contexto, o autor descreve que é dessa época, sobretudo, a adoção de divisas ou epígrafes mais contundentes, visando aos opositores, como também o uso de apelidos ou apodos com que eram mimoseados os adversários, sobretudo os mais representativos da facção adversária⁴⁸.

Barreto faz ainda referência a um gênero jornalístico também típico dessa época, ou seja, os praticantes da pasquinagem. Segundo ele, daquela posição quase extrema passaria a imprensa, fatalmente, a outra ainda mais inconciliável, enveredando muitos dos

⁴⁷ BARRETO, 1986. p. 12.

⁴⁸ BARRETO, 1986. p. 13.

periódicos pelo caminho da mais “desenfreada verrina”, pois, à medida em que os ânimos tendiam a acirrar-se crescentemente, a solução que mais atendia aos interesses assim reprimidos era a da criação de pequenas folhas, sem periodicidade certa na maioria dos casos, e que atuavam irresponsavelmente como verdadeiros pasquins, atassalhando a honra dos desafetos por questiúnculas mínimas. Ainda no que tange à pasquinagem, o escritor destaca que os anos que antecederam de perto a abdicação de D. Pedro I, e nos que a sucederam, com a implantação da regência e com o pesadelo de uma possível restauração foram aqueles em que esses pasquins proliferaram em todo o país, de modo que, o Rio Grande do Sul, onde já se escrevia o prefácio da Revolução Farroupilha, não poderia afastar-se do rumo apaixonado por que enveredara a imprensa brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro, a qual dava o tom às respectivas províncias, despertando novos ódios ou acirrando antigas desavenças⁴⁹.

A respeito do jornalismo político-partidário da etapa de formação da imprensa gaúcha, Abeillard Barreto informa que, muitas vezes, os jornais nasciam de iniciativas e esforços individuais, em nome de uma causa política. Nessa linha, afirma ele que era admirável a devoção dos periodistas da época, que redigiam a notícia, selecionavam a transcrição, revisavam as provas, gerenciavam a tesouraria e a distribuição da folha e, em alguns casos, até faziam as vezes do tipógrafo, para manter acesa a flama jornalística que os abrasava, sem que em muitos casos houvesse sequer uma remuneração mínima a seus serviços. Assim, Barreto define que a

⁴⁹ BARRETO, 1986. p. 13-14.

primeira fase da imprensa gaúcha se caracterizara essencialmente pelo jornalismo de natureza partidário-política, pois, ainda que tivessem ocorrido certas tentativas de práticas alternativas, buscando não se envolver diretamente com as frentes em confronto, eram os fatos políticos que mantinham o “fogo sagrado” do jornalismo da província⁵⁰.

Em seu trabalho, Barreto faz ainda algumas referências a uma nova etapa do jornalismo gaúcho que se desenvolveria a partir do encerramento da Revolução Farroupilha, momento no qual a imprensa pôde estabilizar-se, mantendo-se os jornais então existentes por longos anos e obedecendo à orientação mais ou menos uniforme⁵¹. Nesse sentido, o autor explica que, com o término da Revolução de 1845, os tempos mudariam, já com menores perseguições e maior respeito pela liberdade de imprensa. A respeito dessa época, ele destaca também que nela os jornais evoluiriam, quase todos já em um formato maior, com feição moderna, mais noticiosos e publicando folhetins, que seriam então a última palavra nos jornais europeus⁵².

Nesse quadro, o escritor empreende um amplo levantamento dos jornais que circularam nas mais importantes cidades gaúchas desde a década de vinte até a metade do século XIX, porém, diferentemente de boa parte dos arrolamentos até então entabulados, Barreto busca relacionar os periódicos estudados com o contexto histórico nos quais eles se inseriram, mormente aquele

⁵⁰ BARRETO, 1986. p. 15.

⁵¹ BARRETO, 1935. p. 4.

⁵² BARRETO, 1986. p. 15-16.

relacionado com a época de formação, evolução e pacificação da Revolução Rio-Grandense de 1835-1845. Fosse o ambiente do controle discursivo, fosse aquele relacionado com o político-partidário, o autor não enfoca seus objetos de análise como elementos estanques e, ao contrário, busca inter-relacionar os jornais entre si e com a conjuntura à qual estiveram vinculados.

Trecho do texto

Quando em 1827 apareceu o primeiro jornal no Rio Grande do Sul, a legislação brasileira sobre a liberdade de imprensa ainda engatinhava e era, mesmo, muito contraditória, por visar menos a ela que a censura ditada em contrapartida. (...)

Quando aparecem os primeiros jornais em Porto Alegre, não poderia a imprensa local deixar de amparar-se num ou outro partido, quase sempre com compromissos panfletários, facilitados, aliás, pela intolerância política, que culminou na primeira fase até a abdicação de D. Pedro I, que encarnava o sentimento pró-lusitano, e, depois do 7 de abril, já respondendo à crise política que se abateria sobre o Rio Grande do Sul, antecedendo à Revolução Farroupilha, e logo em seguida, alimentando-se nos desacertos das duas facções que se digladiavam. (...)

Todo o período da Regência foi deveras conturbado em matéria de imprensa, antes ou depois da morte de D. Pedro I, acontecimento que sem dúvida deveria propiciar um arrefecimento da luta periodística, se não houvesse ela ocorrido quando já engajadas as diversas correntes políticas em que se dividia a opinião pública, com preponderância da facção liberal (...).

Dessa posição quase extrema passaria a imprensa, fatalmente, a outra ainda mais inconciliável, enveredando

muitos dos periódicos pelo caminho da mais desenfreada verrina; e, quando difícil se tornava, por qualquer circunstância, esse encaminhamento a solução que mais atendia aos interesses assim reprimidos era a da criação de pequenas folhas, sem periodicidade certa na maioria dos casos, e que atuavam irresponsavelmente como verdadeiros pasquins, atassalhando a honra dos desafetos por questões mínimas. (...)

É nos anos que antecedem de perto a abdicação de D. Pedro I, e nos que a sucedem, com a implantação da Regência e com o pesadelo de uma possível restauração, que esses pasquins proliferaram em todo o país; e no Rio Grande do Sul, onde já se escrevia o prefácio da Revolução Farroupilha, não poderia afastar-se do rumo apaixonado por que enveredara a imprensa brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro, que dava o tom a toda ela das respectivas províncias, despertando novos ódios ou acirrando antigas desavenças. (...)

É admirável a devoção dos periodistas da época, que redatavam as notícias, selecionavam a transcrição, revisavam as provas, gerenciavam a tesouraria e a distribuição da folha e, em alguns casos, faziam mesmo, as vezes, do tipógrafo, para manter acesa a flama jornalística que os abrasava, sem que em muitos casos houvesse sequer uma remuneração mínima a seus serviços, sob outra face, igualmente, sem a necessária renovação ou modernização do material tipográfico, quando não a troca de antigos prelos de madeira, a serem substituídos por mais avançados de ferro. (...)

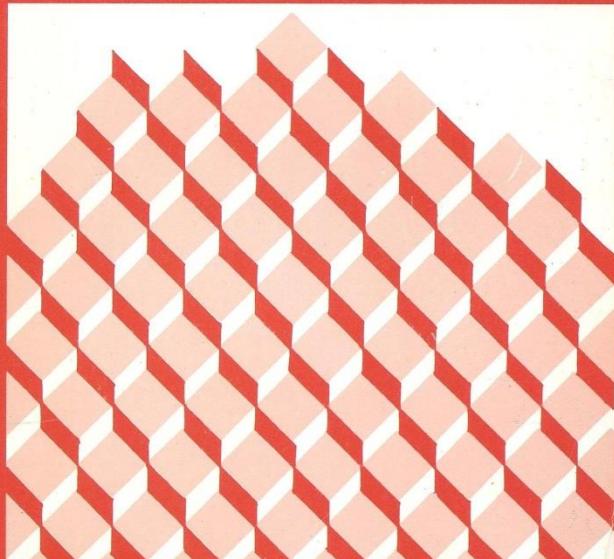
Eram os fatos políticos que mantinham o fogo sagrado do jornalismo da província. (...)

Mesmo quando subsistia o jornal, em que pesasse sua oposição aos poderosos, essa dissensão contribuía para enfraquecer ou deteriorar a situação financeira do dono, dado o risco das perseguições continuadas dos detentores do mando.

Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha

Subcomissão de Publicações e Concursos

PRIMÓRDIOS DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL



ABEILLARD BARRETO



Também em 1986, foi lançado um novo catálogo abordando a história geral do jornalismo rio-grandense-do-sul⁵³. De acordo com os autores, sobre a imprensa gaúcha ainda havia muito a pesquisar, tanto porque os jornais rio-grandenses começaram a ser editados em um período pré-revolucionário, no qual, por razões técnicas e políticas, houve dificuldades de divulgação como porque nem sempre havia concordância entre os que vinham se dedicando a tal tarefa. Acerca do caráter fragmentário das fontes, afirmam, quanto a muitos dos periódicos sulinos, que os números existentes eram

⁵³ SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986. Elvo Clemente (1921-2007), nascido Antônio João Silvestre Mottin, em Maróstica, Itália, e conhecido como Irmão Elvo Clemente, era Doutor em Letras Clássicas e professor titular da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sendo um dos fundadores dos seus cursos de pós-graduação; realizou estudos avançados em Filologia Românica na Universidade de Salamanca; na PUCRS, ocupou ainda os cargos de pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão; foi Presidente do Conselho Estadual de Cultura, e da Academia Rio-Grandense de Letras; era membro de entidades como a Academia Sul-Brasileira de Letras, da União Brasileira de Escritores, da Associação Rio-Grandense de Imprensa e de instituições de pesquisa linguística e literária; atuou como jornalista e crítico literário, além de colaborar na imprensa gaúcha e de ter escrito mais de três dezenas de livros (<http://www.maristas.org.br/portal/noticias.asp?IDNtc=669>).

As informações sobre as duas outras autoras são extremamente escassas, sendo elas apresentadas no próprio livro, Jandira Silva como jornalista e licenciada em Letras e Eni Barbosa como Mestre em História, historiógrafa e arquivista.

esparsos e estavam sujeitos à ação incontrolável do tempo e do homem, além do fato de que, embora já houvesse a transcrição de muitos textos, era preciso haver continuidade desse trabalho. Já no que tange às publicações que circularam a partir da segunda metade do século XIX, os escritores valem-se dos registros já entabulados acerca do jornalismo rio-grandense⁵⁴.

Os autores explicam que estenderam a pesquisa até o ano de 1935, buscando abarcar o conjunto de publicações periódicas que contribuíram para a evolução da imprensa gaúcha. Nesse quadro, levando em conta as dificuldades de catalogação precisa de todos os jornais do Rio Grande do Sul, tarefa considerada como quase inexequível, ativeram-se às limitações resultantes de informações indiretas sobre alguns dos periódicos. Ressaltam também o caráter compilatório de seu trabalho, justificando que, nas pesquisas daquele gênero, a fonte indireta, no caso o jornal, era o critério mais válido. Dessa forma, definem que o principal objetivo fora reunir informações acerca da imprensa gaúcha, adotando uma periodização que facilitasse a localização espaço-temporal dos periódicos, de modo a formular alguns subsídios a respeito daquela evolução histórica⁵⁵.

O catálogo *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense* define também sua metodologia de trabalho, ou seja, de acordo com a periodização adotada, foram arrolados os periódicos em relações de ordem cronológica, seguidos em relações em ordenação alfabética. Na primeira listagem ficariam os principais dados de cada jornal, como o início e término das

⁵⁴ SILVA et all. p. 9.

⁵⁵ SILVA et all. p. 10.

publicações, local (is) e nome (s) dos responsáveis. Na segunda, estariam as observações sobre alguns jornais já relacionados cronologicamente, aos quais eram acrescentados esclarecimentos. Indicam os autores que, para que se compreendesse melhor os dados contidos em cada uma dessas relações, convinha que fossem consultadas concomitantemente, visto que ambas se complementavam. A apresentação das publicações seguiria uma periodização, dividindo a evolução da imprensa rio-grandense em fase inicial (1827-1845), coincidindo com a preparação e desenvolvimento da Revolução Farroupilha; a fase de consolidação (1845-1895), embasada nos “grandes marcos” do jornalismo gaúcho - *A Reforma* e *A Federação*; e a fase moderna (1895-...), abrangendo o período desde a criação do *Correio do Povo* até o limite estabelecido no recorte cronológico escolhido⁵⁶.

Jandira Silva, Elvo Clemente e Eni Barbosa destacam ainda as dificuldades encontradas ao se confrontarem dados referentes à história da imprensa sulina, em um quadro pelo qual jornais pequenos, de “menor significação” eram praticamente desconhecidos, ao passo que os periódicos de maior duração também apresentavam dúvidas concernentes à relação completa dos seus responsáveis. Apontam também que havia uma espécie de sincronismo nos estudos sobre os jornais gaúchos, pois as fontes registravam dados conhecidos em determinado momento, de forma que não se chegava a ter certeza de que uma relação de jornais estivesse completa. Explicam ainda que, se por um lado a distinção das fontes fidedignas era um obstáculo a

⁵⁶ SILVA et all. p. 10-15.

transpor, quando as informações eram divergentes, por outro, era a manipulação dos resultados que dava a pesquisa o seu verdadeiro valor⁵⁷.

Nesse sentido, os autores explicitam que na abordagem da história da imprensa rio-grandense tornava-se imprescindível a consulta metódica às fontes diretas, devido às constantes possibilidades de alteração nos acervos, uma vez que tal procedimento seria a única forma de eliminar dados contraditórios, quando a pesquisa se apoiava somente em fontes indiretas, de maneira que, se dissolvendo as dúvidas, se poderia observar a linha adotada pelos jornais, em diferentes períodos. Salientam também as dificuldades encontradas na execução do trabalho, as quais se multiplicavam quando se antepunham obstáculos advindos tanto da necessidade de preservação dos acervos de jornais, como da confrontação de dados de fontes diretas e indiretas. Ainda assim, os escritores pretendiam que seu catálogo contribuísse de alguma forma para que os dados compilados servissem de base a novos estudos⁵⁸.

Revelando os grandes óbices enfrentados pelos historiadores da imprensa rio-grandense-do-sul, os autores esclarecem que a consulta metódica a jornais era uma tarefa muitas vezes quase que irrealizável e revelam o reconhecimento da necessidade de continuidade de seu trabalho, explicando que os dados ali registrados eram passíveis de alteração, à medida que surgissem novas fontes de pesquisa. Finalmente, os escritores defendem que um estudo comparativo dos jornais gaúchos se fazia necessário, mas qualquer tentativa se

⁵⁷ SILVA et all. p. 289.

⁵⁸ SILVA et all. p. 289.

esvaia ante a imprecisão de dados e a localização, não só do primeiro número, como também dos números existentes. Dessa forma, concluem eles que historiar a imprensa no Rio Grande do Sul constituía, em certo sentido, um “quebra-cabeça”⁵⁹. Ainda que tenha mantido um caráter descriptivo, *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense* já traz em si vários dos ensinamentos expressos três décadas antes por Carlos Reverbel, como a questão do trabalho em equipe, oriundo do meio universitário. Além disso, tal obra tem por mérito a sistematização de muitos dos dados até então levantados, bem como a organização das informações de cunho bibliográfico sobre o jornalismo rio-grandense.

Trecho do texto

Sobre a imprensa gaúcha, tem-se afirmado que há, ainda, muito a pesquisar, tanto porque os nossos jornais começam a ser editados num período pré-revolucionário – a fase preparatória da Revolução Farroupilha –, na qual, por razões técnicas e políticas, houve dificuldades de divulgação, como porque nem sempre há concordância entre os que vêm se dedicando a essa tarefa.

Não há dúvida de que os jornais da imprensa farroupilha representam uma ínfima parte do que nos legou a imprensa do século XIX. Todavia, foi a partir da Revolução Farroupilha que se delinearam tendências e movimentos políticos no Rio Grande do Sul, e essa propagação de ideias foi feita através de nossos jornais.

Note-se que, nesses jornais, as consultas não se esgotaram. Na medida em que nos afastamos, no tempo, do

⁵⁹ SILVA et all. p. 289.

período a pesquisar, a obtenção de dados se torna mais difícil. Os números existentes são esparsos e estão sujeitos à ação incontrolável do tempo e do homem. Embora já se tenham transscrito muitos textos, é preciso haver continuidade no trabalho. Há, por isso, maior preocupação com os jornais da primeira fase.

Quanto aos jornais da segunda metade do século passado, se não se encontram preservados, estão, pelo menos registrados ou catalogados, em sua maioria. Resta, somente, reunir os catálogos existentes, confrontando-se com as informações dos diversos autores, a exemplo do que se fez com os jornais do período farroupilha. Este é um dos motivos por que, da segunda metade do século XIX, nos detivemos, predominantemente, nos jornais consultados na Biblioteca Pública de Porto Alegre e eles constituem, neste trabalho, a seção **Apontamentos sobre jornais consultados**. Um pequeno histórico de nossa imprensa surgiu, então, como decorrência, demarcando-se, incontinenti, as etapas do trabalho.

Devido à insuficiência de dados, procuramos localizar os jornais da primeira fase, enfatizando o período farroupilha, para, na medida do possível, coletar informações que pudessem ser confrontadas com as obtidas em fontes indiretas. A partir dessa fase, ressalvados os **apontamentos sobre jornais consultados**, as informações provêm, quase todas, de fontes indiretas, complementando-se com os dados obtidos em jornais sujeitos à consulta nas demais instituições do gênero.

Intensificou-se, assim, a pesquisa, com o objetivo de expor – e não de esclarecer – as divergências encontradas, no que diz respeito às datas, aos responsáveis e à própria existência desses jornais. Com o mesmo objetivo, estendemos a pesquisa até o ano de 1935, abarcando o conjunto de publicações periódicas que contribuíram para a evolução da nossa imprensa. De forma que, levando em conta as dificuldades de catalogação precisa de todos os jornais do Rio

Grande do Sul, tarefa quase inexequível, ativemo-nos às limitações resultantes de informações indiretas sobre alguns jornais.

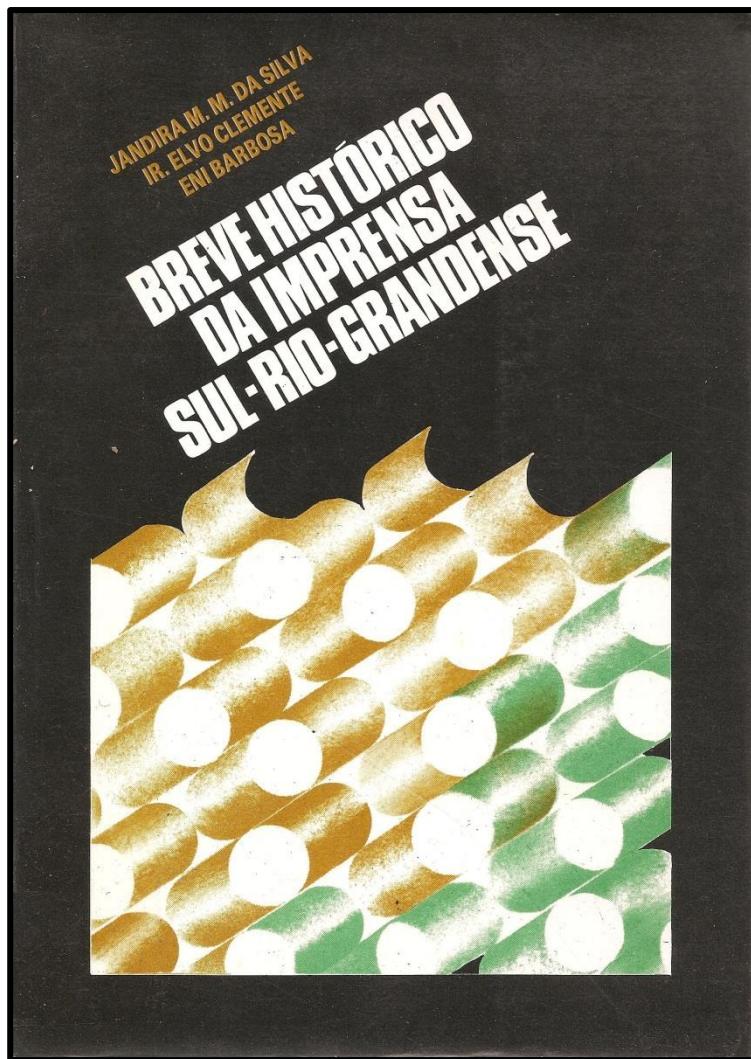
Ressaltamos, então, o caráter compilatório que emprestamos ao presente trabalho, visto que, em pesquisa desse gênero, a fonte indireta, no caso, o jornal, é o critério mais válido. O principal objetivo, pois, foi reunir informações acerca da imprensa gaúcha. Adotando-se uma periodização que facilitasse a localização espaço-temporal dos periódicos, pretendemos formular alguns subsídios à história da nossa imprensa.

Sabemos haver omissões e, como em toda pesquisa, não termos, evidentemente, um trabalho completo. Selecionando-se os dados essenciais, procuramos complementá-los, na medida em que for necessário constatar a veracidade de cada um. (...)

A realização desse trabalho nos leva a algumas rápidas conclusões.

Sobressaem, em primeiro lugar, as dificuldades encontradas ao se confrontarem dados referentes à história de nossa imprensa. Jornais pequenos, de menor significação, são praticamente desconhecidos; mas os jornais de maior duração também apresentam dúvidas concernentes à relação completa de seus responsáveis. Há uma espécie de sincronismo nos estudos sobre nossos jornais, pois as fontes registram dados conhecidos em determinado momento e, dessa forma, nunca se chega a ter certeza de que uma relação de jornais esteja completa. Mas se, por um lado, a distinção das fontes fidedignas é um obstáculo a transpor, quando as informações são divergentes, por outro, é a manipulação dos resultados que dá a pesquisa o seu verdadeiro valor.

Podemos concluir que, na abordagem da história da nossa imprensa, torna-se imprescindível a consulta metódica às fontes diretas, devido às constantes possibilidades de alteração nos acervos.



Nas últimas décadas do século XX, as pesquisas históricas envolvendo a imprensa teriam significativo avanço no contexto da produção científica sul-riograndense. Alguns desses trabalhos ainda tentam a reconstrução histórica do jornalismo gaúcho como um todo, fazendo uma história “da” imprensa. Tais abordagens são mais raras, pois, na maioria dos casos, está se realizando a história “através” da imprensa, com destaque para os trabalhos desenvolvidos nos cursos de pós-graduação em História, que têm estudado, com renovado arcabouço teórico-metodológico, a formação histórica do Rio Grande do Sul, utilizando a imprensa como fonte essencial. Esses estudos da história “através” da imprensa vêm apresentando uma tendência de não mais se dedicarem à pesquisa da história do jornalismo gaúcho em geral, realizando-se investigações particularizadas versando sobre certas cidades, ou ainda a respeito de determinado tema ou segmento no seio da sociedade. Embora ainda aconteçam alguns deslizes, significativa parte desses estudos tem destinado certa preocupação em trazer ao público ao menos algumas noções (mesmo que breves ou brevíssimas) de uma história “da” imprensa, não porque o fulcro do trabalho está centrado nesse enfoque, mas pelo reconhecimento da importância de tal abordagem para a qualidade da pesquisa. Nesses casos, os estudos até então entabulados a respeito da história da imprensa gaúcha têm sido fundamentais.

Nesse contexto de ampliação dos estudos envolvendo os meios de comunicação impressos, um dos escritos mais importantes desenvolvidos sobre uma história geral da imprensa no Rio Grande do Sul é o livro *Tendências do jornalismo* de Francisco Rüdiger, editado

em 1993⁶⁰. Em tal obra, o autor expressa o resultado de uma longa caminhada escrevendo sobre a evolução da imprensa gaúcha, expressa em artigos e ensaios publicados e apresentados em eventos. A renovação teórico-metodológica e a interação entre a ação da imprensa e o contexto histórico no qual ela foi praticada são as marcas registradas da publicação.

O próprio autor define seu trabalho como um esboço de reconstrução histórica do processo de desenvolvimento do jornalismo no Rio Grande do Sul,

⁶⁰ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993. Francisco Rüdiger é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1995) e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987). Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1985), também leciona no Departamento de Filosofia e nos Cursos de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (neste caso, desde 1990). Entre 1984 e 1990, foi professor da Universidade de Caxias do Sul e, depois, do Instituto Federal de Ensino Técnico e Tecnológico (Campus Porto Alegre, 1990-2008). Antes disso, exerceu funções de arquivista e pesquisador no Museu Hipólito José da Costa (Porto Alegre, 1978-1988). Dentre seus livros, podem ser mencionados: “Comunicação e teoria social moderna”, “Literatura de autoajuda e individualismo”, “Introdução à teoria da comunicação”, “Comunicação e teoria crítica da sociedade”, “Ciência social crítica e pesquisa em comunicação”, “Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural”, “Martin Heidegger e a questão da técnica”, “Cibercultura e pós-humanismo”, “As Teorias da Comunicação”, “As teorias da cibercultura”, “O amor e a mídia”, “Origens do pensamento acadêmico em jornalismo” e “Síntese de História da Publicística” (<http://lattes.cnpq.br/1808250344274013>).

no qual pretende analisar a gênese e a metamorfose das práticas jornalísticas no estado em seus vários aspectos, privilegiando o ponto de vista da história social. Preocupa-se o escritor em conceituar seu objeto de estudo, definindo jornalismo como uma prática social componente do processo de formação da chamada opinião pública, prática essa que, dotada de conceito histórico variável conforme o período, pode se estruturar de modo regular nos mais diversos meios de comunicação⁶¹.

Na abertura de seu livro, Rüdiger promove uma crítica de cunho historiográfico, explicando que histórias da imprensa não constituem novidade nos horizontes do saber produzido no Rio Grande do Sul, como demonstra uma longa tradição de pesquisa. O autor atribui relevância a tais estudos, mormente no que tange ao arrolamento de fontes e dados, entretanto, enfatiza que esses trabalhos não podem ser confundidos com histórias do jornalismo, uma vez que o relato da sucessão cronológica de títulos de periódicos e da biografia de seus criadores não basta para compreender a natureza e a prática do jornalismo nos vários momentos de seu desenvolvimento. Para ele, nesse tipo de abordagem falta uma perspectiva teórica de análise do tema, de maneira que o leitor não tem uma explicação para as transformações verificadas no campo de estudo em foco, nem uma compreensão do seu significado para os contemporâneos e para o próprio tempo presente⁶².

Ainda assim, o autor considera essas pesquisas realizadas ao longo das últimas décadas como um ponto

⁶¹ RÜDIGER, 1993. p. 7.

⁶² RÜDIGER, 1993. p. 7-8.

de partida de um trabalho mais amplo de entendimento da história da imprensa e reconhece que não esgotará o todo da temática abordada em seu livro. Tal perspectiva advém da constatação de que o jornalismo enquanto prática tem vários aspectos, compreendendo seu conceito, sua rotina, seus agentes, seus suportes, sua linguagem e sua tecnologia, em um quadro pelo qual essa prática não se sustenta sozinha, estrutura-se em um contexto econômico, político e social, que não apenas condiciona seu comportamento, mas sofre dialeticamente a ação de sua práxis. Partilha o escritor da concepção de que esse tipo de pesquisa não pode ficar restrita a esforços individualizados, já que a abordagem conjunta de tal problemática constitui tarefa complexa para um coletivo de autores, de modo que enfatiza que seu livro representa um esboço de uma reconstrução geral da história do jornalismo rio-grandense. Nesse sentido, ele não se propõe a fornecer um retrato acabado do tema enfocado e sim a desenhar uma perspectiva geral de análise capaz de fundamentar novas pesquisas⁶³.

Para Francisco Rüdiger, o jornalismo gaúcho conheceu duas fases ou *regimes jornalísticos*. Norteada pelo conceito de jornalismo político-partidário, a primeira etapa foi predominante desde a sua formação, no transcorrer do século XIX até a década de trinta da centúria seguinte. Já a segunda, na qual predominaram os conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, começou a se gestar lentamente do início do século XX, quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas, e se consolidou com a formação das redes e

⁶³ RÜDIGER, 1993. p. 8.

monopólios de comunicação. Ressalta o autor que a passagem de uma fase para a outra durou várias décadas e sua contraposição é um artifício didático, porque, no movimento histórico, as realidades são matizadas e se encontram em um fluir cheio de tensões e forças contraditórias, que não se deixa apreender em esquemas⁶⁴.

A partir de tais premissas e arcabouços teórico-metodológicos, ao longo da obra, o escritor analisa as raízes do jornalismo rio-grandense, enfatizando o contexto histórico geral, o nascimento da imprensa e a pasquinagem; o jornalismo político-partidário, trazendo ao público questões como a mutação do regime jornalístico, política e violência e o declínio da imprensa partidária; o jornalismo literário independente, abordando a cultura jornalística alternativa e a transição para a modernidade; e, finalmente, o jornalismo informativo moderno, enfocando as empresas jornalísticas e as inter-relações entre jornalismo e indústria cultural.

Ao concluir, o autor reitera sua concepção do jornalismo como uma prática social e enfatiza o debate sobre as especificidades das práticas jornalísticas rio-grandenses, questionando se poderia haver referência a um aspecto gaúcho ou regional em tais atividades. A essa questão responde que não houve, nem há um jornalismo *gaúcho*, assim como não há um jornalismo nacional no Brasil, explicando que a formação e informação da opinião pública dependem de práticas universalmente reconhecidas e por isso os fenômenos de dominação, mas também de esclarecimento, que elas

⁶⁴ RÜDIGER, 1993. p. 8-9.

contêm são de ordem histórico-universal. Segundo ele, a particularidade, na verdade, está nas condições desiguais de desenvolvimento que o jornalismo encontrou na conjuntura brasileira⁶⁵.

Abordando a formação histórica do jornalismo sul-rio-grandense desde a sua gênese até a contemporaneidade, Rüdiger ultrapassa a história da imprensa escrita, chegando ao enfoque da mídia eletrônica, envolvendo os denominados modernos meios de comunicação de massa. Sua obra viria a constituir um trabalho referencial, sendo utilizada por pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento humano, com ênfase aos estudos em torno da história e da comunicação social. As informações por ele expressas, bem como seu modelo de análise do jornalismo viriam a ser citados à extenuação em trabalho científicos e o sucesso de seu livro revela-se também pelo fato de que, dez anos passados de seu lançamento, ele já estava em sua terceira edição.

Trecho do texto

O presente livro constitui um esboço de reconstrução histórica do processo de desenvolvimento do jornalismo no Rio Grande do Sul. Pretendemos analisar a gênese e a metamorfose das práticas jornalísticas no estado em seus vários aspectos, privilegiando o ponto de vista da história social. (...)

Em linhas gerais, pretendemos mostrar que o jornalismo gaúcho conheceu até agora duas fases ou *regimes*

⁶⁵ RÜDIGER, 1993. p. 81-83.

jornalísticos. A primeira fase, comandada pelo conceito de jornalismo político-partidário, foi dominante desde a sua formação, em meados do século passado, até a década de trinta. A segunda, dominada pelos conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, começou a se gestar lentamente no início do século, quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas, e se consolidou com a formação das atuais redes e monopólios de comunicação. A passagem de uma para a outra durou várias décadas e sua contraposição é um artifício didático, porque no movimento histórico as realidades são matizadas e se encontram num fluir cheio de tensões e forças contraditórias que não se deixa apreender em esquemas.

As práticas de formação e informação da opinião pública, ligadas dialeticamente ao seu próprio movimento, dependem de certos *regimes jornalísticos*, de regras e conceitos que estruturam o jornalismo e se transformam pela práxis em curso nos diversos campos da vida social de cada época. Em função disso, pode-se concluir, a pesquisa que segue vale como contribuição, não somente para o conhecimento do desenvolvimento de nosso jornalismo, mas também para a redação de um dos capítulos da história social do Rio Grande do Sul. (...)

A compreensão do jornalismo gaúcho se confunde com a do jornalismo brasileiro e este com a do jornalismo em geral, à medida que os dois primeiros fazem parte do movimento geral deste último, em suas condições históricas particulares. Nesse sentido, aliás, constitui sinal de nosso ingresso, desigual e contraditório, na modernidade. (...)

De qualquer modo, podemos postular que, propriamente falando, não houve, nem há um jornalismo *gaúcho*, assim como não há um jornalismo nacional no Brasil. (...) A particularidade, na verdade, está nas condições desiguais de desenvolvimento que o jornalismo encontrou em nosso país.

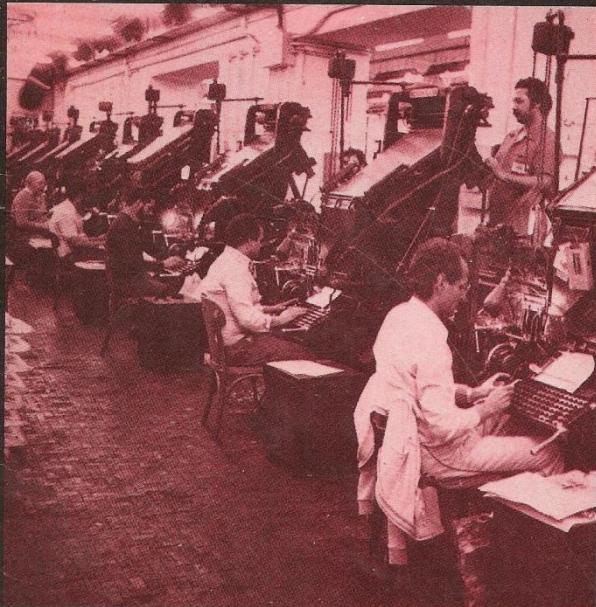


síntese
rio-grandense

14

Francisco Rüdiger

Tendências do jornalismo



Editora
da Universidade

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Em meados da década de 1990, Sérgio da Costa Franco, após proferir uma palestra sobre o tema, publica o conteúdo da mesma no artigo “A evolução da imprensa gaúcha e o *Correio do Povo*”⁶⁶, divulgado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul⁶⁷. O cerne do ensaio era o estudo do

⁶⁶ FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o *Correio do Povo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. n. 131. Porto Alegre, 1995. p. 33-40. Sérgio da Costa Franco nasceu em Jaguarão, no ano de 1928, passando a residir ainda jovem em Porto Alegre. Na capital, estudou no Colégio Anchieta, até 1945; bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul e licenciou-se em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia da mesma universidade. Foi juiz municipal em várias comarcas gaúchas, além de promotor público em Quaraí, Erechim e Porto Alegre, trabalhando também na 2^a Vara do Trânsito. Atuou como advogado, professor, jornalista, ensaísta e cronista e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Círculo de Pesquisas Literárias. Dentre seus escritos podem ser destacados: “Biografia de José Bonifácio”, “O sentido histórico da Revolução de 1893”, “A Campanha Rio-Grandense”, “Júlio de Castilhos e sua época”. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 230. O autor também publicou os seguintes livros de natureza histórica: “Origens de Jaguarão”, “Porto Alegre e seu comércio”, “Porto Alegre: guia histórico”, “A guerra civil de 1893”, “A pacificação de 1923”, “Getúlio Vargas e outros ensaios”, “Porto Alegre sitiada”, “Gente e coisas da fronteira sul”, “Os viajantes olham Porto Alegre”, “Maragatos – o Partido Federalista Rio-grandense”, “A velha Porto Alegre”, “Dicionário político do Rio Grande do Sul”, “Ensaios de história política” e “Porto Alegre ano a ano”.
⁶⁷ Tal Revista foi fundada com o escopo de ser um repositório de trabalhos originais no gênero; bem como constituir um

periodismo gaúcho e, em seu seio, o jornal porto-alegrense *Correio do Povo*, de modo que a imprensa rio-grandense é abordada, desde as suas origens até o surgimento do citado periódico.

No artigo, Sérgio da Costa Franco faz referência aos trabalhos até então realizados acerca da imprensa rio-grandense-do-sul, citando as pesquisas de Carlos Reverbel, Abeillard Barreto e João José Cezar. Descreve a fase inicial do jornalismo gaúcho, associada ao confronto político, partidário, ideológico e bélico advindo da Revolução Farroupilha. Na etapa posterior a esta original, Franco aponta que os jornais de multiplicaram por todas as cidades e vilas gaúchas, ressaltando que os mesmos se circunscreviam ao contexto local, o que só viria a ser superado a partir da evolução dos meios de transporte e de comunicação, assim como dos recursos tecnológicos. O autor historia a evolução da imprensa diária rio-grandense, com destaque para periódicos como *A Reforma*, *A Federação* e o *Correio do Povo*, fulcro de sua pesquisa, a respeito do qual passa a discorrer, correlacionando-o ao contexto do jornalismo gaúcho⁶⁸.

esforço continuado e metódico na divulgação de elementos históricos que jazem desconhecidos nos arquivos públicos e particulares; e ainda promover a reedição de obras de grande raridade escritas sobre o Rio Grande do Sul; e, finalmente, divulgar os trabalhos históricos e geográficos elaborados pelos sócios do Instituto. (COLLOR, Lindolfo. A história e o Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. 1º trim., a. 1. Porto Alegre, 1921. p. 6.).

⁶⁸ FRANCO. p. 33-37.

Trecho do texto

[Na] primeira fase da imprensa gaúcha (...) os periódicos (...) foram, quase todos, de pequeno formato, de duas, ou no máximo, 4 páginas, raros anúncios, quase nenhuma notícia e um forte conteúdo de controvérsia político-partidária. A publicidade que lhes era mais rendosa era a oficial, resultante da publicação de atos do governo. O jornalismo era, então, mera aventura individual, trabalho artesanal sujeito a graves riscos, estranho ainda a preocupações literárias e muito menos à intenção de noticiar fatos. Os graves riscos, evidentemente, não se relacionavam aos aspectos industriais da modestíssima tipografia de componedor e prensas manuais, mas ao furor da controvérsia partidária, que não impunha limites à virulência da linguagem nem aos recursos extremos da pancadaria e da depredação das oficinas. (...)

Na segunda metade do século 19, os jornais se multiplicaram por todas as vilas da província. Compreende-se que, dadas as dificuldades de transporte e comunicação, a folha impressa era, antes de mais nada, um artigo de produção e de consumo local. Antes da progressão das ferrovias e da formação de uma rede ferroviária integrada e mais ou menos abrangente, – o que só aconteceu na virada do século – era reduzida a possibilidade de penetração dos periódicos de Porto Alegre, assim como de Pelotas e do Rio Grande, nas pequenas comunidades do interior. Por isso e porque a imprensa não era uma atividade industrial, mas, sobretudo política, as folhas proliferavam, mesmo em cidades e vilas de pouca significação.

[Em 1885] ainda predominavam os prelos manuais. Só os jornais de maior categoria tinham chegado ao uso de máquinas de propulsão a vapor ou a gás para as suas impressoras. Era o caso do *Jornal do Comércio*, do *Mercantil*, da *Federação* e do *Deutsche Zeitung*, em Porto Alegre, e do *Correio Mercantil*, em Pelotas. Tais veículos podiam alcançar tiragens

maiores, pois bem se pode calcular o quanto seria morosa a impressão de jornais em prensas a braço ou a pedal mecânico. De qualquer forma, o estrangulamento da circulação e a forte concorrência mantinham as tiragens em níveis muito modestos. (...)

Mas vale registrar que os veículos dessa segunda fase da imprensa gaúcha tinham perdido o caráter de aventura individual e evoluíam para a condição de empresas, com maior número de redatores, separação das funções da redação e de gerência, e uma constante preocupação com a receita publicitária. Quase sem discrepância, eram jornais de 4 páginas, sendo as duas primeiras com matéria redatorial e as duas últimas com anúncios. Um fato novo assinalava quase todos: a preocupação em difundir a literatura. O folhetim em rodapé, muitas vezes composto de molde a permitir que as páginas fossem recortadas pelo leitor e encadernadas, tornou-se frequente. Os bibliófilos conhecem esse tipo de livro, gerado nas folhas da imprensa periódica. Como a introdução das tipografias a vapor ou, mais tarde, a gás, ensejava alguma capacidade ociosa aos prelos dos jornais, era habitual que estes oferecessem seus serviços para a execução de outros trabalhos tipográficos e que até editassem livros em suas oficinas.

Foi nesse clima e nessa encruzilhada onde se encontravam o jornalismo político e comercial, o artesanal e o industrial, que nasceu e cresceu a personalidade de Caldas Júnior, o fundador do *Correio do Povo*. (...)

Chegamos ao final deste breve apanhado, estacando diante dos episódios mais recentes, que envolveram a grave crise do *Correio* em 1984, os quais, por serem contemporâneos, e, por isso mesmo, ainda sujeitos a controvérsias, não estão maduros para serem apreciados com objetividade. De resto, a evolução da imprensa passou a sofrer a pesada influência dos meios de comunicação audiovisuais, que geraram componentes novos em toda a problemática gerencial das atividades jornalísticas.

REVISTA DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



1995 - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

131

A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA GAÚCHA E O CORREIO DO Povo

Sérgio da Costa Franco

Num ensaio publicado em 1956, intitulado “Notas sobre a Imprensa Gaúcha”, Carlos Reverbel lamentava a escassez da bibliografia existente a respeito da história dos jornais rio-grandenses, embora apresentasse em apêndice um elenco expressivo de títulos dedicados ao assunto. De lá para cá, a situação não mudou muito. Novos estudos surgiram a propósito de nossa imprensa, mas não o levantamento completo e exaustivo que seria de desejar. Muito concorre para isso o fato indiscutível da pulverização dos veículos de comunicação, que, no Estado, sempre vicejaram como ilhas e ilhotas de um vasto arquipélago.

Rigorosamente, apenas a primeira fase da imprensa gaúcha, fase que pode ser delimitada pelos anos de 1827 e 1850, mereceu um estudo minucioso por parte do saudoso historiador Bebellard Barreto em sua obra póstuma “Primitórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul”, editada em Porto Alegre em 1986. Algumas características marcantes assinalam esse perfodo embrionário do jornalismo rio-grandense. Os periódicos desse tempo foram, quase todos, de pequeno formato, de duas, ou, no máximo, 4 páginas, raros anúncios, quase nenhuma notícia e um forte conteúdo de controvérsia político-partidária. A publicidade que lhes era mais rendosa era a oficial, resultante da publicação de atos do governo. O jornalismo era, então, mera aventura individual, trabalho artesanal sujeito a graves riscos, estranho ainda a preocupações literárias e muito menos à intenção de noticiar fatos. Os graves riscos, evidentemente, não se relacionavam aos aspectos industriais da modestíssima tipografia de componedor e prensas manuais, mas ao furor da controvérsia partidária, que não impunha limites à virulência de linguagem nem aos recursos extremos da pancadaria e da depredação de oficinas. Os próprios nomes de alguns desses periódicos dizem do clima belicoso em que eram produzidos: IDADE DE PAU, IDADE DE CHUMBO, O INFLEXÍVEL, O INEXORÁVEL, BELONA IRADA CONTRA OS SECTÁRIOS DE MOMO, O QUEBRA ANTI-EVARISTO, O JUSTICEIRO, O ARTILHEIRO...

Um lustro depois, Sérgio da Costa Franco publica um outro ensaio, complementar ao anterior, abordando o jornalismo da capital gaúcha, constituindo um capítulo do livro *Gente e espaços de Porto Alegre*, intitulado “Evolução da imprensa porto-alegrense”⁶⁹. Mesmo que o enfoque central do trabalho esteja concentrado no âmbito local, traz em seu conteúdo premissas aplicáveis também ao contexto estadual⁷⁰. O objetivo fundamental da pesquisa é estabelecer uma periodização que caracterize os progressos da imprensa de Porto Alegre, desde os primórdios, em 1827⁷¹.

Segundo o escritor, tal jornalismo tem sua primeira fase entre 1827 e 1850, com periódicos voltados às disputas político-partidárias. A segunda, entre 1850 e 1912, caracterizada por uma transformação qualitativa da imprensa. A terceira, de 1912 a 1954, com jornais modernos e avançados convivendo com outros ainda atrasados, além de trazer a ascensão do jornalismo empresarial. Finalmente, a quarta fase, que transcorre de 1954 até a contemporaneidade, é qualificada como uma etapa moderna do periodismo, com a presença do jornalismo televisivo, a edificação de complexos de

⁶⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. Evolução da imprensa porto-alegrense. In: FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFGRS, 2000. p. 123-131.

⁷⁰ Perspectiva confirmada por Antonio Hohlfeldt, no artigo “A imprensa (1870-1930)”, publicado na coletânea *História geral do Rio Grande do Sul – República Velha (1889-1930)*, o qual aborda uma periodização para o desenvolvimento da imprensa gaúcha, utilizando para tanto preceitos estabelecidos no modelo proposto por Sérgio da Costa Franco (p. 314) – referência completa na nota de número 76 deste livro.

⁷¹ FRANCO. 2000. p. 123.

comunicação, o aperfeiçoamento tecnológico e a presença de periódicos do centro do país⁷². Além das diferenciações de natureza editorial, o autor utilizava-se dos progressos técnico-tecnológicos para a distinção das diferentes fases jornalísticas.

Trecho do texto

A primeira fase do jornalismo porto-alegrense pode ser delimitada entre os anos de 1827 e 1850. Praticava-se, então, um jornalismo marcadamente político-partidário, estranho ainda a preocupações literárias e muito menos à intenção de noticiar fatos. (...)

A década de 1850, que será de afirmação cultural da capital gaúcha, vai assinalar uma transformação qualitativa na imprensa de Porto Alegre, graças, sobretudo, à projeção de dois periódicos de maior formato, bem redigidos e atraentes: *O Mercantil* (...) e o *Correio do Sul*. (...)

É sempre difícil traçar limites cronológicos para a caracterização das etapas evolutivas de uma instituição qualquer. Mais ainda para a imprensa, que jamais teve uma evolução sincrônica e sistêmica. Jornais modernos, tecnicamente avançados, coexistiram e coexistem com veículos de maquinário fossilizado. Invariavelmente, as tipografias de poucos recursos se equipavam com o material abandonado ou tornado obsoleto nas empresas mais ricas. (...)

Mas, na imprensa de Porto Alegre, há um marco expressivo que parece delimitar a fase nova da relação entre os veículos e seus leitores, um atrativo realmente importante para a ampliação do mercado: o emprego da clicheria ou zincogravura, que permitiu a reprodução das fotografias no

⁷² FRANCO. 2000. p. 124-131.

papel de imprensa. (...)

Essa terceira fase do jornalismo de Porto Alegre é caracterizada decisivamente pelo caráter empresarial do empreendimento jornalístico. (...)

A crescente complexidade industrial da imprensa tornava-se incompatível com a pequena oficina de dimensões artesanais. Ocorre, então, que o jornalismo político sem desaparecer de todo, se torna raro e incapaz de concorrer com os grandes jornais. (...)

Parece legítimo fixar o ano de 1954 (...) para o início da fase moderna do jornalismo de Porto Alegre. Trata-se do aparecimento do jornal *A Hora* [que] marcou uma revolução no jornalismo da cidade. Foi o primeiro jornal obediente a princípios de diagramação, com o planejamento de cada página, seja quanto às dimensões da matéria inserta, seja quanto à disposição estética. Ao mesmo tempo, inovou no tocante à impressão a cores, passando a utilizar amplamente os títulos em azul ou em vermelho, o que tornava o veículo especialmente atrativo.

O pioneirismo de *A Hora* induziu os demais periódicos a buscar modernização, favorecida, aliás, pelos crescentes e acelerados progressos da indústria gráfica. (...)

Essa derradeira fase da imprensa porto-alegrense, que é a que hoje vivemos, reveste alguns aspectos altamente significativos:

a) a introdução da televisão (...) representou desafio para o jornalismo gráfico, obrigando-o a aperfeiçoar-se e a se tornar atraente;

b) a formação de complexos de comunicação, associando empresas jornalísticas a cadeias de rádio e de televisão;

c) o constante aperfeiçoamento tecnológico da indústria gráfica (...);

d) a crescente penetração dos jornais cariocas e paulistas, favorecidos pela formação de um mercado nacional de leitores e pelo desenvolvimento dos transportes aéreos.

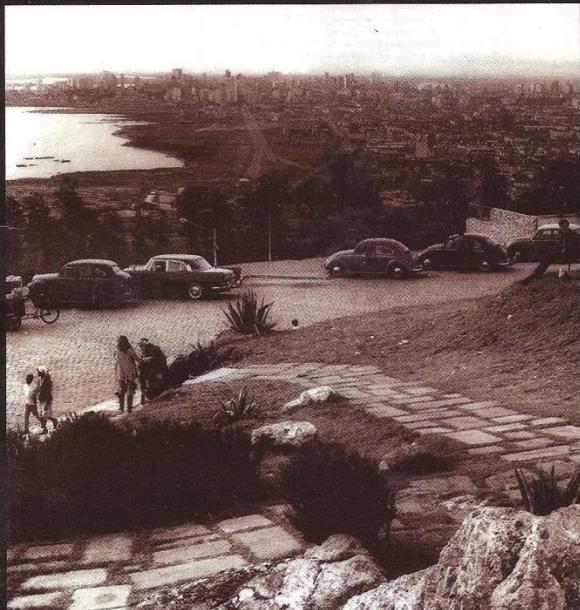


síntese
rio-grandense

24 -25

Sérgio da Costa Franco

Gente e espaços de Porto Alegre



Editora
da Universidade

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

EVOLUÇÃO DA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE

Se pensarmos a imprensa apenas em termos de jornalismo gráfico, nosso estudo deve começar em 1827, ano do aparecimento do *Diário de Porto Alegre*, pequena folha dupla em duas colunas, formato de 13 x 29cm, editada a partir de 1º de junho daquele ano, sob o patrocínio oficioso do presidente da Província, brigadeiro Salvador José Maciel. Mas se sabe que o respectivo prelo, segundo estudos de Nestor Eriksen, chegara a Porto Alegre bem antes, em meados de 1822, procedente do Rio de Janeiro. Por motivos mal esclarecidos, teria essa tipografia permanecido inativa, até o aparecimento de quem a operasse: dois franceses, tipógrafos, desertores do exército argentino do general Alvear. Não temos dúvida, todavia, de que, apesar da inexistência de jornais, já se fazia impressão tipográfica em Porto Alegre, mesmo antes de 1822: em processos criminais examinados no Arquivo Público do Estado, vimos formulários com a indicação “Porto Alegre” devidamente impressa, tanto quanto os demais dizeres da fórmula, – coisa de extrema simplicidade e pobreza. Não é provável que se encomendasse a outras praças a impressão especial de tais papeluchos; acreditamos que houvesse um prelo em Porto Alegre desde 1821, nele se imprimindo formulários oficiais, pelo mínimo.

Às décadas da virada do século, a tendência de ampliação da quantidade de pesquisas de fundo histórico envolvendo a imprensa continuaria firme, entretanto, parcós foram os trabalhos em torno de uma história geral do jornalismo gaúcho. Exemplificativamente, no que tange a tais estudos, já no início do novo milênio seria lançada uma coletânea buscando abordar o conjunto da formação histórica sul-rio-grandense e, nela a história da imprensa encontraria espaço reservado. Organizada a partir de um devir cronológico, a obra *História geral do Rio Grande do Sul*⁷³ destinaria lugar ao desenvolvimento do jornalismo sulino à época imperial, durante a República Velha e no período desde o pós-1930 até a contemporaneidade.

Nessa coletânea, a história da imprensa gaúcha no período imperial ficou sob a responsabilidade de Francisco das Neves Alves⁷⁴. Calcado em sua experiência

⁷³ Os coordenadores da coletânea ressaltam que a coleção representa o esforço de mais de cem historiadores em produzir um trabalho jamais realizado em sua profundidade e abrangência, uma vez que, por seu método e consciência, possui a proposição de servir como uma sinergia intelectual para futuras pesquisas e produções sobre a história do Rio Grande do Sul, tratando-se, portanto de uma obra aberta e convidativa. (BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau. O sentido desta coleção. In: *História geral do Rio Grande do Sul – Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 1. p. 14.).

⁷⁴ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: *História geral do Rio Grande do Sul – Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2. p. 351-372. Francisco das Neves Alves é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), e possui pós-doutorado pelo Instituto de Cultura e Estudos Sociais – Portugal (2009), pela Universidade de Lisboa

na pesquisa de periódicos rio-grandenses-do-sul, o autor busca associar tal conhecimento às informações bibliográficas disponíveis e concentra sua análise na construção discursiva dos jornais rio-grandenses, desde a sua origem até a transição monarquia – república. Alves ressalta o papel assumido pela imprensa como fonte histórica e analisa vários dos gêneros jornalísticos que circularam no Rio Grande do Sul do século XIX. Lembrando os preceitos de Carlos Reverbel, o historiador explicita sua meta de prestar uma contribuição à edificação de uma historiografia acerca

(2013), pela Universidade Nova de Lisboa (2015), pela UNISINOS (2016), pela Universidade do Porto (2017), pela PUCRS (2018) e pela Cátedra Infante Dom Henrique/Universidade Aberta – Portugal (2019). É Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande desde 1989. Dentre seus livros sobre a imprensa podem ser destacados: “A pequena imprensa rio-grandina no século XIX”, “O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)”, “Olhares impressos: a república brasileira sob o prisma da imprensa lusitana: repercussões e ruptura diplomática (1889-1895)”, “A convicção através da pena: a obra jornalística e literária do escritor Mario de Artagão no âmbito brasileiro-lusitano”, “De crayon à mão: a arte caricatural de Thadio Alves de Amorim”, “Visões espelhadas d’além mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa”, “Ensaios acerca da imprensa sul-rio-grandense”, “Construção de imagens acerca da mulher na imprensa caricata lisbonense e carioca nas três décadas finais do século XIX” e “A mulher e as relações de gênero em imagens e textos: visões do feminino e do casamento na imprensa caricata portuense no último decênio do século XIX”.
(<http://lattes.cnpq.br/5044950592575587>).

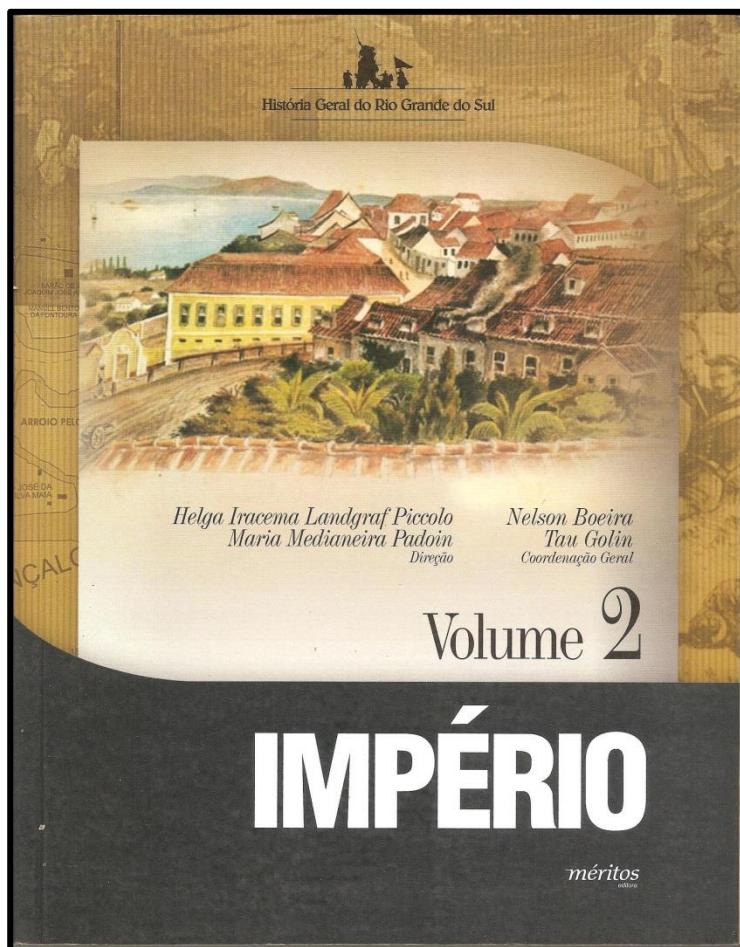
das práticas jornalísticas gaúchas, lançando mais um fragmento que comporá uma das *ilhas* em direção ao desvelar histórico do *arquipélago* da imprensa rio-grandense⁷⁵.

Trecho do texto

Fazendo parte do desenvolvimento de grande parte das sociedades contemporâneas, a imprensa ganhou de forma crescente o *status* de “fonte histórica”, posição nos últimos anos já completamente consolidada. Pouco a pouco foram vencidos os preconceitos contra os jornais como alvos da investigação histórica, em nome de um caráter supostamente tendencioso que este tipo de fonte teria. Passou-se a observar que essas tendências do jornalismo – característica também presente na maior parte dos documentos – poderiam ser detectadas pelo historiador, o qual teria condições de filtrar as informações prestadas pelos jornais, ou, ainda, de transformar esse caráter opinativo (ou tendencioso) em objeto de análise. No que tange especificamente a uma história da imprensa, ainda há muito trabalho historiográfico a ser empreendido, no entanto, para o caso sul-rio-grandense, este capítulo pretende constituir uma singela contribuição. Ao longo do século XIX, a imprensa escrita constitui-se no mais significativo meio de comunicação no seio das sociedades em que se fez presente. Servindo aos mais diferentes propósitos, fosse na divulgação de informações, fosse na difusão da leitura e da cultura, ou, ainda, na propagação dos mais diversos ideais, o jornalismo desse tempo atuou com tenacidade na formação de hábitos, pensamentos, costumes e opiniões, numa escala que, se não global, ao menos atingiu grande parte das comunidades de então. No Brasil e no Rio Grande do Sul daquela centúria, a imprensa exerceu

⁷⁵ ALVES, 2006. p. 365.

fundamental papel nas várias etapas da formação político-administrativa e institucional do país, consistindo em veículo informativo de grande eficácia e contribuindo decisivamente para divulgar e fomentar as mais variadas ideias que circularam junto à consciência pública durante aquelas diversas fases.



Capítulo XVI

A IMPRENSA

Francisco das Neves Alves

Fazendo parte do desenvolvimento de grande parte das sociedades contemporâneas, a imprensa ganhou de forma crescente o *status* de “fonte histórica”, posição nos últimos anos já completamente consolidada. Pouco a pouco foram vencidos os preconceitos contra os jornais como alvos da investigação histórica, em nome de um caráter supostamente tendencioso que este tipo de fonte teria. Passou-se a observar que essas tendências do jornalismo – característica também presente na maior parte dos documentos – poderiam ser detectadas pelo historiador, o qual teria condições de filtrar as informações prestadas pelos jornais, ou, ainda, de transformar esse caráter opinativo (ou tendencioso) em objeto de análise. No que tange especificamente a uma história da imprensa, ainda há muito trabalho historiográfico a ser empreendido, no entanto, para o caso sul-rio-grandense, este capítulo pretende constituir uma singela contribuição.

Ao longo do século XIX, a imprensa escrita constituiu-se no mais significativo meio de comunicação no seio das sociedades em que se fez presente. Servindo aos mais diferentes propósitos, fosse na divulgação de informações, fosse na difusão da leitura e da cultura, ou, ainda, na propagação dos mais diversos ideais, o jornalismo desse tempo atuou com tenacidade na formação de hábitos, pensamentos, costumes e opiniões, numa escala que, se não global, ao menos atingiu grande parte das comunidades de então. No Brasil e no Rio Grande do Sul daquela centúria, a imprensa exerceu fundamental papel nas várias etapas da formação político-administrativa e institucional do país, con-



Volume 2
Império

A imprensa

351

Já o jornalismo rio-grandense à época da República Velha foi abordado por Antonio Hohlfeldt⁷⁶. Com significativa parte da carreira dedicada a pesquisas em torno da comunicação social, o autor centra seu trabalho em estabelecer critérios para uma periodização da imprensa gaúcha, enfoque para o qual faz uma releitura de segmentos da bibliografia até então entabulada sobre o tema. Sua análise tem por mote principal os conflitos político-partidários que marcaram

⁷⁶ HOHLFELDT, Antonio. A imprensa (1870-1930). In: *História geral do Rio Grande do Sul – República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 3. t. 2. p. 313-325. Antonio Carlos Hohlfeldt possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1973), Mestrado (1991) e Doutorado (1998), ambos em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pós-Doutorado pela Universidade Fernando Pessoa – Portugal. É Professor Titular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo também atuado como docente na Universidade Fernando Pessoa – Portugal, na Université Paul Valéry III, UPV – França, na UNISINOS, na UCS, na ULBRA, na UNISC, nas Faculdades Monteiro Lobato e na Université de Montpellier II, Université de Mo – França. Dentre seus livros, podem ser citados: “Literatura e vida social”, “Teorias da Comunicação - conceitos, escolas e tendências”, “Teoria da comunicação: antologia de pesquisadores brasileiros”, “Literatura infanto-juvenil”, “Conceito e História do jornalismo brasileiro”, “Arte e cultura”, “Perspectivas críticas da comunicação em Cabo Verde e Moçambique”, “History of the press in portuguese-speaking countries”, “Uma história da imprensa lusófona”, “Utopia, resistência, perda do centro”, “Os desafios da pesquisa em história da comunicação”, “Tempo & Memória” e “Interações comunicacionais”. (<http://lattes.cnpq.br/3101630544687086>).

a vida gaúcha do período e o aporte de novas tecnologias que iriam interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária em uma imprensa industrial, em processo pelo qual se passou de uma produção artesanal à impressão absolutamente mecanizada. Para Hohlfeldt, a imprensa daquele recorte cronológico foi marcada por múltiplas e diferentes práticas jornalísticas justamente porque era um período de tanta confluência histórica quanto de confluência cultural⁷⁷.

Trecho do texto

Pode-se, assim, começar pelo que se poderia chamar de “pré-história” da imprensa sul-rio-grandense a partir de 1827 (...).

Se considerarmos, portanto, a imprensa em seu sentido estrito, essa fase se iniciou estritamente em 1827 e se caracterizou por publicações precárias e pouco qualificadas, desenvolvendo-se até 1835, quando explodiu a Grande Revolução;

- surgiria em seguida, uma imprensa revolucionária, compreendendo um período anterior à Revolução Farroupilha, entre 1830, mais ou menos, quando se radicalizam os sentimentos revolucionários, e 1845, quando a totalidade dos jornais publicados seguiu uma orientação determinada, a favor ou contra os rebeldes;

- terminado o conflito, organizou-se uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que foi de 1850 até 1900, pelo menos, quando os proprietários e editores de periódicos se alinharam obrigatoriamente a algum dos partidos políticos

⁷⁷ HOHLFELDT. p. 313 e 325.

existentes, já que sem tal vínculo era quase impossível a sobrevivência financeira. Contudo, essa imprensa já não é mais exclusivamente partidária. É de se lembrar que, até então, inexistia a publicidade paga, capaz de sustentar uma publicação; essa fase começou a ser quebrada com o surgimento do *Correio do Povo*, em 1895, mas, especialmente, com o cansaço e o desgaste que os partidos políticos sofreram depois da Revolução de 1893, sobretudo porque o Partido Republicano Rio-Grandense praticamente monopolizou toda a atividade partidária;

- quase simultaneamente, estruturou-se uma imprensa literária, que se iniciou ao final da década de 1860 e perdurou ao longo do século XIX e princípio do século seguinte, ainda que com variantes. Esse jornalismo foi dar o primeiro salto de qualidade, possibilitando os grandes jornais da época, que teriam menor efemeridade que todos os seus antecessores - é um dos períodos, portanto, que interessa ao estudo deste capítulo, até porque foi marcado pelo surgimento de revistas literárias, de publicações de caricaturas e de forte crítica social e, enfim, pela imprensa operária;

- a imprensa industrial começou com o surgimento da clicheria, em 1912, e perdurou ao longo de todo o século, praticamente até a década de 60, quando um novo processo, que foi a composição a frio da *off set*, passou a ser aplicado pioneiramente pelo jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Esse é o segundo período de interesse deste estudo, porque foi caracterizado pelo surgimento das revistas para a família e a diversificação das publicações, com a segmentação dirigida às mulheres, aos jovens, às crianças etc. Foi também o período em que a competição com outras mídias, como o cinema e, mais tarde, o rádio, fez com que forte revisão técnica da imprensa fosse perseguida pelos profissionais;

- a imprensa empresarial, iniciada ainda ao longo do período do Estado Novo, culminou, na década de 70, com a indústria cultural e a presença dos grandes grupos de

comunicação. Nesse período, as empresas jornalísticas foram procurar se modernizar cada vez mais, adquirindo maquinário, ampliando a competição entre elas e, enfim, buscando uma crescente aproximação com o seu público, o que foi bem além da simples função jornalística da informação e da opinião;

- a imprensa de massa se caracterizou [pelas] “redes midiáticas”, ou seja, a propriedade múltipla, por uma mesma empresa, de diferentes segmentos da comunicação social, como jornal e emissora de rádio, ou de televisão e, mais recentemente, projetos na rede internacional de computadores; esse período, iniciado em torno dos anos 70, esgotou-se no final dos anos 90;

- a imprensa de divertimento, iniciada ao final da década de 90, encontra-se, evidentemente, ainda em desenvolvimento. Caracteriza-se pelo ultrapassamento da função informativa-opinativa da imprensa, para priorizar a prestação de serviços e garantir boas horas de lazer e entretenimento, levando ao auge aquela quarta função preconizada (...) para a imprensa e amplamente assumida pelos demais meios de comunicação social.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Historia Geral do Rio Grande do Sul



Ana Luiza Setti Reckziegel
Gunter Axt
Direção

Nelson Boeira
Tau Colin
Coordenação Geral

Tomo II

Volume 3

REPÚBLICA

REPÚBLICA VELHA (1889-1930)

méritos
editora

Capítulo IX

A IMPRENSA (1870-1930)

Antonio Hohlfeldt

O desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Sul, na passagem do século XIX para o XX, está intimamente vinculado a dois fatores: a luta político-partidária que se desenrolou na província, inclusive com sangrentas consequências, como a Revolução de 1893, e o aporte de novas tecnologias que vão interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária numa imprensa industrial, passando-se de uma produção artesanal a impressão absolutamente mecanizada.

Como essas transformações ocorreram simultaneamente, é importante ter-se clareza sobre os critérios de uma datação e periodização da história da imprensa, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul. Reconhece-se, assim, com o autor de um estudo recente, que o "surgimento da imprensa no Brasil acompanha e vincula-se a transformações nos espaços públicos, à modernização política e cultural de instituições, ao processo de independência e de construção do Estado nacional" (MOREL; BARROS, 2003, p. 7).

Critérios para uma periodização

Dentre três historiadores que sugerem periodizações para o estudo da imprensa sul-rio-grandense, nenhum atinge plenamente seus objetivos. Francisco Rüdiger fala em dois grandes regimes jornalísticos, o *político* e o *informativo*, mas termina trabalhando subperíodos que alcançam, em última análise, cinco diferentes momentos (RÜDIGER, 1993).


Volume 3
República Velha
Tomo II

A imprensa
(1870 e 1930)

313

Finalmente, na obra *História geral do Rio Grande do Sul*, o enfoque da história do jornalismo sul-rio-grandense a partir dos anos 1930 coube a Francisco Rüdiger⁷⁸. Usando o cabedal de pesquisas até então realizadas o autor apresenta uma perspectiva ampla das práticas jornalísticas da época em questão, envolvendo tanto a imprensa escrita quanto o conjunto da mídia eletrônica, como rádio, televisão e internet, abordando tópicos como as passagens para a modernidade, a unificação do mercado e a integração nacional, a dependência regional e o desenvolvimento associado, o triunfo do globalismo, a relevância da publicidade e a questão entre o regionalismo e a globalização. Mantendo a perspectiva das intensas inter-relações entre ação da imprensa e os fundamentos socioeconômicos e culturais, Rüdiger define que a nota dominante do período por ele abordado foi a própria transformação da indústria cultural, a qual não se fez linearmente, sem pontos de fricção e necessidade de transações ou acomodações com a herança local e o passado pré-capitalista, engendrando vários tradicionalismos no Rio Grande do Sul⁷⁹.

⁷⁸ RÜDIGER, Francisco Ricardo. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. In: *História geral do Rio Grande do Sul – República – da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)*. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 4. p. 355-398. Sobre a ação intelectual do autor, ver nota de número 60 deste livro.

⁷⁹ RÜDIGER, 2007. p. 356.

Trecho do texto

O Rio Grande do Sul situa-se nesse contexto como uma região que sempre se caracterizou, economicamente, pela situação periférica, cujas relações externas sempre foram mais fortes e dinâmicas do que seu âmbito de realização interna. Em 1930, confirmou-se, em vez de rever-se, a vocação agropastoril de nossa economia, a nossa condição de abastecedores de matérias-primas para fora e de gêneros alimentícios para dentro do país.

Verificou-se, contudo, progressiva aceleração da vida urbana e a entrada das relações capitalistas na vida cotidiana de suas cidades principais (...).

No Rio Grande, desde 1930, característico dos meios de comunicação e dos fenômenos de cultura popular urbana foi sua conversão, primeiro em bens de consumo e mais tarde em veículos de indústria cultural. Na época, a atividade jornalística dominante ainda era político-partidária e o modo de vida levado na base da reprodução mercantil simplificada. As condições mais imediatas estavam, porém modificando-se. Disso nos dão sinal não apenas as novas avenidas ladeadas de prédios em *modern style*, os painéis publicitários, a eletricidade, as máquinas toca-discos, os letreiros em *art déco*, as salas de cinema *palacianas*, as revistas ilustradas, os utensílios elétricos, as lojas de departamento, os programas de rádio, os parques de exposições, o crescimento do tráfego de automóveis. (...)

Constatável nos registros literários a partir de então, também encontramos sinais dessa metamorfose na experiência da cidade no texto das notícias de jornal e nas lembranças de intelectuais que vivenciaram a conjuntura. (...)

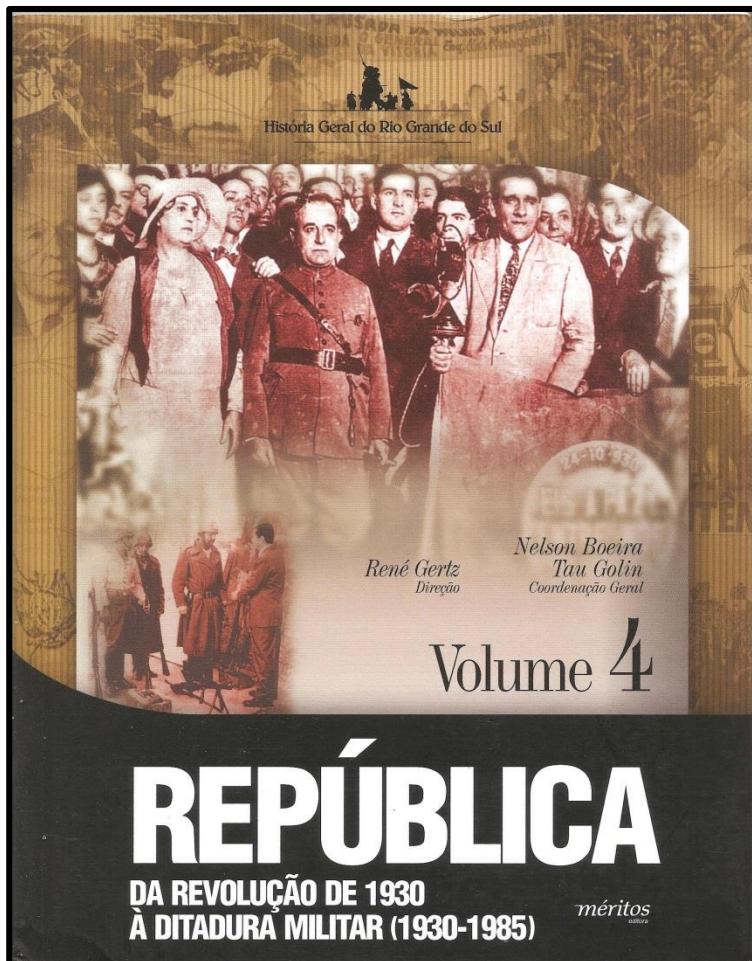
Nos anos 30, a concorrência entre os jornais, cada vez mais organizados como empresas, passou a um novo patamar. Depois que foram fechados os partidos e se proibiu o partidarismo na imprensa (1937-45), ainda haveria jornais políticos e partidários, e isso até 1964. Porém, essa retomada,

notável no interior, sobretudo, teria força e alcance reduzidos. A censura durante o período estado-novista, os estímulos à modernização institucional e a crescente influência das concepções norte-americanas fizeram com que acabasse por se impor o modelo de gestão empresarial e o estilo informativo na prática do jornalismo.

Estavam surgindo e se consolidando entre nós, mais do que as cadeias de jornais e emissoras de rádio, um modelo empresarial para explorar a comunicação. O entretenimento e o jornalismo começaram a convergir através de sua promoção conjunta, mas ainda paralela, por uma mesma empresa. A expansão dos negócios em escala cada vez mais nacional e o estímulo à ação empresarial envolveram a área de comunicação. (...)

No Rio Grande do Sul, o processo revestiu-se de certas particularidades, que procuramos destacar neste breve ensaio. Formou-se aqui um poderoso conglomerado de comunicação, que tem logrado compor de forma regional, ainda que essa não seja dominante, os princípios mercantilistas e globalitários que regem soberanos a expansão da indústria cultural e do sistema capitalista. (...)

As revistas de circulação nacional, as redes de televisão, algumas também de rádio, e agora, cada vez mais, os serviços de *internet* integram-nos em consciência na ordem global da cultura de mercado. A possibilidade de transferência da empresa que domina a região para outros donos sempre existe, é claro, mas não há ameaça à vista de controle direto do mercado local que ela conquistou por parte de grupos de fora do Rio Grande do Sul.



Capítulo XV

COTIDIANO, MÍDIA E INDÚSTRIA CULTURAL: MODERNIDADE E TRADICIONALISMO, DOS ANOS 1930 À ATUALIDADE

Francisco Rüdiger

Desde Max Weber, pelo menos, considera-se que escrever a história com pretensão de saber pressupõe, necessariamente, a adoção de um ponto de vista (narrativo, analítico, hermenêutico etc.). A proposição de um conhecimento histórico sobre o passado, mas também a sua relevância e validade, é função da conjuntura epocal, da problemática epistêmica e do sistema de conceitos empregados pelo historiador.

O resultado disso é que há tantos relatos e tantas análises de um fenômeno ou processo quantas são as perspectivas de estudo do passado numa dada situação. A afirmação não significa que todas tenham igual valor epistêmico. Também não quer dizer que as abordagens existentes não possam ser objeto de convergência no âmbito de uma síntese mais ampla. Serve apenas para lembrar que não há chance de se obter sua completa integração num sistema de conhecimento unificado.

Quem quer que, entre nós, pretenda entender criticamente o movimento desses dois patamares de instituição da vida social, cotidiano e cultura de consumo, precisa levar em conta o modo como a expansão das relações de mer-



Volume 4
República
(1930-1985)

*Cotidiano, mídia e
indústria cultural:
modernidade e
tradicionalismo, dos
anos 1930 à
atualidade*

355

Normalmente coerentes com suas conjunturas historiográficas e caracterizados por avanços e limitações, o conjunto dos trabalhos que abordou o jornalismo sul-rio-grandense representa, a sua maneira, uma parcela na estruturação do conhecimento histórico sobre a imprensa gaúcha. Os alcances e limites dos mesmos, passíveis de uma crítica historiográfica, estão intimamente ligados à visão dos respectivos autores do modo de fazer história, peculiar à tendência e ao momento histórico-historiográfico nos quais eles escreveram⁸⁰. Nessa linha, a importância de tais estudos não pode ser diminuída ou desprezada, uma vez que as gerações de historiadores que se sucedem não se parecem, pois, o historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades, as inclinações, os pressupostos, em suma, a ideologia dominante, e,

⁸⁰ Sobre esse aspecto, Helga Piccolo afirma: Trabalhos que se incluem na chamada história tradicional ou factual, sendo enfatizados fatos, datas, personagens e não sendo contemplada a desmitificação do passado foram e continuam a ser produzidos. Devem ser *in limine*, descartados? Não nos parece ser esta uma solução, porque nenhuma obra analítica pode prescindir de informações. E o mérito desta história tradicional ou factual está na profusão de informações que sua leitura propicia. (PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações historiográficas. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1993. p. 66.).

mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referências aos postulados de sua época⁸¹.

Dessa maneira, com relação a essas obras sobre o jornalismo rio-grandense, nunca será demais ressaltar o mérito desse trabalho, quase sempre desamparado de recursos, mas valentemente continuado⁸². O predomínio do caráter descritivo em detrimento do interpretativo na maioria desses escritos não serve como justificativa para relegá-los ao esquecimento, constituindo-se, isto sim, em representativas fontes bibliográficas, complementares às análises históricas acerca do jornalismo gaúcho⁸³. O pensamento histórico é cumulativo e não se pode ignorar a contribuição de historiadores de diversas correntes⁸⁴, mormente no que se refere à obtenção de dados, ainda mais ao tratar-se da história da imprensa sul-rio-grandense, assunto sobre o qual até mesmo a

⁸¹ RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13.

⁸² MOREIRA. p. 49.

⁸³ Nessa linha, Arno Wehling, quanto ao divórcio entre uma abordagem que privilegia o sistema estrutural e outra que privilegia a interpretação, geralmente pela via da perscrutação das intenções do agente, individual ou coletivo, explica que essa dicotomia não tem razão de ser, uma vez que a prática da pesquisa e da consequente resolução de problemas nos ensina que não existem procedimentos puramente analíticos ou hermenêuticos, de modo que não existe incompatibilidade, antes complementariedade, entre ambos os procedimentos. WEHLING, Arno. O advento do III Milênio: reflexões de historiadores. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. n. 13. Curitiba: SBPH, 1997. p.77.

⁸⁴ FLORES. p. 90.

menor das informações significa a recuperação de mais um fragmento para promover a sua reconstrução. Além disso, a maioria dos pesquisadores que promoveram uma renovação teórico-metodológica no trato com a história geral do jornalismo gaúcho lançou mão de informações que foram acumuladas pelas várias décadas de construção historiográfica acerca do tema.

O mais fundamental é que esse processo historiográfico permaneça em constante edificação, ficando demarcada a importância de uma história “da” imprensa como condicionante essencial ao conhecimento do conjunto do devir histórico. Tal relevância advém da constatação de que os jornais são verdadeiros *arquivos do cotidiano*, servindo como a fonte mais completa e, em sua diversidade, mais objetiva da história geral. Nessa linha, testemunhas e atores da vida nacional e internacional os periódicos são documentos de uma riqueza considerável, mas difíceis de utilizar. Daí o significativo papel do “historiador da imprensa” o qual, mais do que outros, se defronta com a dificuldade de descrever ao mesmo tempo a floresta e suas árvores⁸⁵. No contexto internacional, nacional, e fundamentalmente no regional tal faina de historiar a imprensa está ainda por ser construída e o saber historiográfico até então promovido pode servir de base, de inspiração ou até mesmo para estimular a contestação nos trabalhos que virão no porvir.

⁸⁵ ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 2.



COLLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

ISBN: 978-65-89557-08-1



9 7 8 6 5 8 9 5 5 7 0 8 1